Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



O riso alacre da MARIA DAS NEVES e a veia cómica de VASCO SANTANA enchem de alegria e pitoresco «O PÁTIO DAS CANTIGAS», o segundo filme da PROD. A. L. R.

NÚMERO ESPECIAL DO 1.º ANIVERSÁRIO

2.ª SÉRIE • N.º 53 • PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS • LISBOA, 10 DE NOVEMBRO DE 1941 • PREÇO 2$50



4 FILHAS

COM

LOLA, PRISCILLA e ROSEMARY LANE, GALE PAGE e CLAUDE RAINS

Realização de Michael Curtiz

SÃO DOIS FORMIDÁVEIS EXCLU



VIDA NOVA

(DODGE CITY)

COM

ERROL FLYNN, OLIVIA DE HAVILLAND e ANN SHERIDAN

SIVOS DA Sif—WARNER BROS.



Deanna Durbin na sua mais festiva criação «Desfile da Primavera», a magnífica produção Universal que Filmes Alcântara exibem com triunfal aplauso nos cinemas Odéon e Palácio.

2.ª série / N.º 53 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

10 de Novembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuïdores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

«ANIMATÓGRAFO» DEBRUÇA-SE SÔBRE O SEU PASSADO

HISTÓRIA BREVE DOS **53** NÚMEROS DO NOSSO JORNAL

N.º 1 Na manhã do dia 11 de Novembro de 1940, aniversário dum armistício provisório que não soube evitar uma guerra pior, aparecia nas tabacarias de todo o país e nas mãos dos «sempre fixes» o N.º 1 da 2.ª série de «Animatógrafo», criado, dirigido e editado por António Lopes Ribeiro. A 1.ª série, de que haviam saído apenas 14 números, publicara-se em 1933, de Abril a Julho. Sete anos volvidos, pràticamente com os mesmos colaboradores, a que se haviam juntado nada menos de três directores de revistas cinematográficas — Fernando Fragoso, Augusto Fraga, José da Natividade Gaspar — «Animatógrafo» retomava o facho da cinefilia. Os gritos de guerra lançados no primeiro número foram estes: *É preciso não desanimar!* O Cinema resistirá a tudo. *É preciso criar cinéfilos! Não é nestes tempos guerreiros que o Cinema deve desarmar!* — E num suplemento em rotogravura dedicado à primeira produção da Lisboa Filme, «Pôrto de Abrigo», fazia-se, confiantemente, a afirmação de que *O Cinema Português continua!* — O sorriso de Greta Garbo em «Ninotchka» iluminava a capa e Bel-Tenebroso iniciava a secção de correspondência que maior êxito havia de alcançar.

N.º 2 O grito de guerra é sempre o mesmo: *Não tenham mêdo de ser cinéfilos!* Ignácio da Purificação reata as suas impagáveis «Cartas dum Cinéfilo», celebrizadas pelo «Kino», o semanário que lançou e acreditou, sob a direcção de A. L. R., o cinema sonoro em Portugal. Reclama-se, numa «panorâmica», a colaboração da gente nova, *sangue novo* para o jornalismo cinematográfico. E dá-se a norma da publicidade do jornal, que *recusará todos os anúncios onde se façam afirmações de que discorde.*

N.º 3 *Está assegurado o futuro do Cinema Espanhol*, graças a Garcia Viñolas — é a afirmação sensacional do número. Isso deve servir de exemplo ao Cinema Português. *Calculem o que será escrever um dia: o Cinema Português tem o seu futuro assegurado* — escreve Fernando Garcia. É por isso que «Animatógrafo» vai lutar. — O artigo de fundo lança a ideia do *Clube do Animatógrafo*, que reünirá os cinéfilos com dez anos «de prática». — Os melhores nomes femininos das letras e das artes respondem a um inquérito sensacional, a propósito do filme «Mulheres»: *As mulheres são realmente assim?* Virgínia de Castro e Almeida, Fernanda de Castro, Virgínia Vitorino, Manuela Pôrto, Amélia Rey Colaço, Estrêla Faria, Marie Dubas... Nenhum outro jornal se atrevera a fazer com êxito semelhante pregunta.

N.º 4 A idéia do *Clube* teve uma entusiástica aceitação. *A mobilização da «Velha Guarda»* tem a sua primeira compensação: poderem assistir à homenagem que o jornal promove a Jean Renoir, de passagem por Lisboa, no São Luiz. — É a vez dos homens darem a réplica às mulheres no inquérito de «Animatógrafo». Respondem Gago Coutinho, Joaquim Manso, Afonso Lopes Vieira, Ramada Curto, Aquilino Ribeiro, Almada Negreiros, Ferreira de Castro, Pedro de Moura e Sá, Vasco Santana.

N.º 5 Continua a campanha do Clube. *Cinéfilos, precisam-se!* — é o grito, a palavra de ordem. — A reportagem do espectáculo em honra de Jean Renoir no São Luiz, promovido pelo «A», arquiva a confiança do grande realizador francês no Cinema Latino em geral e no Cinema Português em especial. — Publica-se a primeira *Página dos Novos*, com colaboração dos leitores do jornal. Contam-se por centenas os artigos recebidos.

N.º 6 Começa a publicação do «Manifesto à cinematografia espanhola», de Garcia Viñolas. — Noticia-se a inauguração dos Cursos Profissionais do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, na primeira secção de Vida Corporativa publicada por um jornal cinematográfico. — Esboça-se o projecto da União do Cinema Latino, preconizada por Renoir, e que as circunstâncias tornariam ulteriormente impraticável. — Abre-se um concurso para baptizar o filme de Capra *Mister Smith goes to Town.*

N.º 7 Natal de 1940 — Número especial! O êxito de venda é fulgurante, esgotando-se em poucos dias. — Publica-se a lista dos 100 primeiros nomes dos inscritos no «Clube do Animatógrafo». — Noticia-se a construção, no estúdio da Tobis Portuguesa, dos cenários para o novo filme de Brum do Canto, «Lôbos da Serra». O cinema português continua! — Na página central, os redactores do «A» escrevem cartas de amor às suas estrêlas favoritas. — Na capa, Graça Maria, a nova estrelinha portuguesa.

N.º 8 *O Cinema não é inimigo do Teatro!* — é a afirmação fundamental dêste número, em que se recomenda a peça «A Primeira Legião», que se representa no Teatro Avenida. *O Cinema português não deve ser uma fogueira de estrêlas* — clama-se num artigo. E Augusto Fraga preconiza por seu turno a estabilidade dos elementos técnicos e artísticos para melhorar os resultados da nossa produção. — Institui-se a *Taça* e as *Medalhas do Animatógrafo*, para premiar o melhor filme e as duas melhores interpretações do ano. — *Peço a palavra!* foi o título escolhido para o filme de Capra, por intermédio dos nossos leitores.

N.º 9 Primeiro número de 1941. — «Animatógrafo» saúda Salazar no limiar do ano que começa. — Publicam-se as primeiras notícias sôbre o filme americano «Uma noite em Lisboa» e a lista dos candidatos à Taça e às Medalhas, filmes, actores e actrizes — Júlio Dantas, Agostinho de Campos, Aquilino Ribeiro, Manuel Ribeiro, Ferreira de Castro, Vitorino Nemésio e João Gaspar Simões respondem à pregunta: *Quais os romances portugueses próprios à adaptação cinematográfica?* — No *Referendum dos Retratos*, Oliveira Martins alcança o primeiro lugar. Bom sinal para o Cinema Português.

N.º 10 «Animatógrafo» abandona a rotativa para melhorar a apresentação das gravuras intercaladas no texto. — Três visitantes ilustres. Garcia Viñolas, Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia de Espanha que veio a Portugal, onde se avistou com A. L. R. e António Ferro. Os três estudaram as possibilidades de *um acôrdo da maior importância para o cinema dos dois países da Península Ibérica.* Além dêle — Lawrence Olivier e Vivien Leigh, que assistem, connosco, no São Luiz, à estreia de *Rebecca.* — Inaugura-se a secção de *Cinema de Amadores*, reclamada por adeptos que nos lêem.

N.º 11 Augusto Fraga aborda o tema do Cinema Espanhol e Mota da Costa defende os complementos. — Noticia-se o primeiro escrutínio para a atribuïção da Taça e das Medalhas.

N.º 12 A. L. R. ataca o problema do vocabulário cinematográfico português num artigo de fundo intitulado *O Cinema e a Língua Portuguesa*, saüdando no Vocabulário Ortográfico da Academia das Ciências de Lisboa a inclusão de muitas palavras da tecnologia do Cinema. Augusto Fraga condena a «desordem» que reina no Cinema Português e reclama, insistentemente, organização e continuïdade.

N.º 13 Reportagem da estreia de gala, no Tivoli, do filme português «Pôrto de Abrigo», cuja crítica é feita. — Anuncia-se a *Festa dos Prémios*, para proclamação dos resultados da Taça e das Medalhas, em que tomarão parte cinco

(Continua na pág. 13)

DEPOIS...

do maior êxito da actualidade

só comparável aos êxitos dos

Grandes Filmes Portugueses

UMA NOITE NO RIO

com **CARMEM MIRANDA,** como vedeta, **ALICE FAYE** e **DON AMECHE**
a cantar em português

FOX-FILMES

prepara-se para apresentar outros espectáculos sensacionais no **TIVOLI** e no **EDEN**

MIAMI

Uma fantástica comédia musical colorida com **Betty Grable, Don Ameche, Carole Landis,** etc.

LIVRE COMO VENTO!

Um tema empolgante interpretado por **Henry Fonda e Joan Bennett**

A Madrinha de Charley

A mais extraordinária comédia de gargalhada do ano com **Jack Benny, Kay Francis** e **James Ellison**

A FOX-FILMES apresenta filmes artísticos para o público e comerciais para os empresários!

PANORÂMICA

■ Mota da Costa

Abandonou o cargo de secretário de redacção do «Animatógrafo», por sua livre vontade, e deixando em cada um de nós, o mesmo amigo de sempre, o nosso camarada Mota da Costa.

Disse-nos que ia dirigir uma nova revista de cinema. É isso, para todos nós, motivo de orgulho natural, pois verificamos, com júbilo, que o exemplo do «Animatógrafo» frutifica. E ficamos aguardando, impacientemente, o nosso companheiro de armas.

■ «Traduttore, traditore!»

Sentimo-nos na obrigação de rectificar um trecho da tradução, recentemente publicada, da reportagem do «Film Kurier» sôbre o cinema português, especialmente porque a versão que demos à estampa, na nossa língua, resultou pouco simpática para Jorge Brum do Canto — o que não estava no espírito de Guilherme L. Kristl, correspondente da revista de Berlim, nem na intenção de quem trabalha nesta casa.

A frase em alemão, tal como a publicou o «Film Kurier», é a seguinte: «Unter den Regisseuren Portugals ist Brum do Canto der versonnenste. In Lissabon verknüpft man mit seinem Namen viele Hoffnungen». Ora a tradução autêntica deve ser: «Entre os realizadores de Portugal, Brum do Canto é o mais idealista. Em Lisboa estão ligadas ao seu nome muitas esperanças».

Na tradução apressada que fizemos, a preposição «Unter» foi traduzida por «Abaixo», quando o sentido da frase impunha antes a tradução por «Entre», que aquela palavra alemã também significa. A palavra «versonnenste» foi traduzida por «aquele que se reconcilia com a sua profissão, o que está dentro do meio», o que também está errado, pois significa «idealista, sonhador, o que tem mais alma» e não vem no dicionário nesse tempo gramatical. A palavra alemã que traduz o que se escreveu tem aproximadamente o mesmo som, mas escreve-se com um «o» tremádo e com mais um «h»: «versöhnenste».

Mais uma vez se confirmou o adágio italiano «traduttore, traditore!» — do que pedimos desculpa aos nossos leitores, a Brum do Canto e a Guilherme Kristl. E não quereríamos por isso deixar semelhante «traição» sem castigo e sem emenda.

■ Deanna Durbin e a Universal

Como os leitores se recordam, fizemo-nos eco nestas colunas de uma notícia publicada pelos periódicos sôbre certos arrufos registados ultimamente entre Deanna Durbin e a Universal. Pede-nos a firma Vicente Alcântara, Ld.ª, representante em Portugal daquela emprêsa, que comuniquemos aos nossos leitores o seguinte: segundo informação directa da direcção americana da Universal, a popular estrêla está ligada àquela casa produtora de filmes por contrato exclusivo por mais quatro anos, pelo que está absolutamente assegurada a apresentação ao público português, por intermédio de Vicente Alcântara, Ld.ª, não só dos seus próximos filmes «Desfile da Primavera», «Nice Girl» e «It started with Eve», como também das futuras criações da referida vedeta.

Inserimos gostosamente o esclarecimento de Vicente Alcântara, Ld.ª, apesar de não se poder depreender da notícia publicada por «Animatógrafo» que tinha havido qualquer conflito sério entre Deanna Durbin e a Universal, e muito menos entre a Universal e a sua representante no nosso País.

UM ANO DE COMBATE

O primeiro número da 2.ª série de «Animatógrafo» saíu a 11 de Novembro de 1940, quando a guerra que agora se guerreia contava já um ano e dois meses. Guerra europeia, guerra mundial, mais europeia e mais mundial ainda do que a outra, a que se chamou Grande, porque até então não se fazia idéia nenhuma desta que se lhe havia de seguir e que é incomparàvelmente maior. Mas os homens gostam de pôr rótulos definitivos aos acontecimentos de que participam, pois têm a incorrigível noção de que a História é apenas ciência do passado, quando afinal a História está sempre, sempre a passar por nós, tocando-nos das suas leis inflexíveis, e é simultâneamente Causa, Efeito e Conseqüência — Passado, Presente e Futuro. A Mecânica Social, de que Augusto Comte definiu e estudou a Estática e a Dinâmica, tem na História como ela se faz correntemente a sua verdadeira Cinemática, isto é: estudo dos movimentos em si mesmos, sem curar da posição dos corpos nem das fôrças que os impelem. Ora isto parece-nos inglório e insuficiente, pelo que não podemos deixar de aplaudir a nova escola de historiadores, com notáveis representantes entre os nossos, que tratam de reagir contra os que «contam histórias» em lugar de «escrever História».

Vem êste arrazoado a-propósito da pequena e despretenciosa história dêste jornal, que damos à estampa no presente número. Quem a ler atentamente, e a meditar (e não há coisa aparentemente fútil que não mereça ser meditada) verá que êste jornal foi, antes de tudo e acima de tudo, um pôsto de combate. Foi — e é. Porque não está no nosso feitío nem na nossa disposição adoptar outra atitude mais cómoda no decorrer duma vida que desejamos longa, para mais longamente combater o que condenamos. E condenâmo-lo, não por ódio, nem por interêsse, nem sequer por necessidade — mas por muito presarmos a consciência das nossas convicções, e termos presenciado já o bastante de resultados tristes para nos convencermos de que temos razão.

Salazar deu-nos a norma num discurso que fez no Parque Eduardo VII, quando se comemorou o Ano X da Revolução Nacional: «Ter sempre razão». Estas palavras vincaram-se em nós de tal maneira, que hoje elas resumem tôda a moral que nos guia e nos explica.

Obra nossa, «Animatógrafo» não podia deixar de medir pela mesma bitola as coisas de Cinema, a que dedica exclusivamente a sua atenção e as suas páginas. E o talismã é de tal qualidade, de tal poder, que ao cabo de um ano de existência, depois de ter lançado e defendido as coisas mais ousadas e revolucionárias, de ter atacado e derrubado as rotinas mais generalizadas, não encontrou a atacá-lo ou a contra-atacá-lo pùblicamente senão... «Os Ridículos», a propósito da campanha contra o intervalo a meio dos filmes!...

Semelhante resultado, numa terra de crítica e discussão tão pronta e fácil, não se alcança sem razão. E a razão consiste exactamente em... ter razão, ter sempre razão!

É que o nosso pôsto de combate situa-se, modéstia à parte, no melhor lado da terra de ninguém, na trincheira da verdade...

«Animatógrafo» adoptou como regra não mentir, nem sequer nos adjectivos, nem mesmo nos anúncios. Temos recusado páginas de publicidade (e Deus sabe quanto um jornal precisa delas, nos tempos que vão correndo!), por se pretender incluír nelas, a tanto a linha, afirmações menos verdadeiras. Nas nossas páginas não se diz levianamente que uma coisa é «melhor» ou «maior» ou «diferente» em relação às outras. E nunca, por nunca ser, se diz «a melhor», «a maior» — senão quando é assim mesmo, no consenso sincero da redacção.

É claro que semelhante linha de conduta não simplifica a vida de ninguém. Um jornal que recusa a adjectivação estapafúrdia, o sensacionalismo deshonesto, a parcialidade escandalosa, não convém àqueles mercadores de celuloide para quem o público é «carne de canhão». Mas supomos que convém ao público, de cujo acolhimento dependemos desde o primeiro número e que, até hoje, não nos abandonou.

No limiar do nosso segundo ano de combate, é com êle que contamos, e para êle que apelamos, ardorosamente. Porque o combate que empreendemos não é possível sem a sua aliança, sem o seu auxílio constante, material e moral. Para que cumpramos o nosso dever para com êle — é indispensável que êle cumpra também o seu dever para connôsco. Como? Comprando, divulgando, apoiando, defendendo o «Animatógrafo».

Tanto mais que a nossa luta, o nosso combate tem objectivos nítidos e claros.

Combatemos «contra» quem?

Contra os inimigos do Público e do Cinema, seja qual fôr a forma por que se manifestem.

Combatemos «por» quê?

Pela vitória do bom Cinema, do Cinema honesto, sem falácias, sem fedúncias e sem basófias, e, dentro dêle, acima de tudo, antes de tudo — PELA VITÓRIA DO CINEMA PORTUGUÊS.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Um terramoto a valer e um terramoto de paixões, de espírito e de boa música em «A CANÇÃO DA SAUDADE»



Irene Dunne e Cary Grant em «A Canção da Saudade»

Para o leitor cinéfilo há nomes que devem ter um significado especial, nomes que evocam fitas, interpretações e realizações que muito deram que falar e se gravaram para sempre entre as suas recordações de Cinema .

Apesar das recordações de Cinema serem das mais fugazes, muitas vezes, porque se perdem dentro duma grande diversidade, nenhum amador do bom espectáculo cinematográfico será capaz de esquecer as melhores fitas de Frank Capra, nem uma fita como *«Gunga Din»*, nem *«Roberta»*, nem *«Engano Nupcial»*, nem tantas outras fitas de grande interêsse pelas suas realizações ou interpretações.

Pois vamos ver uma fita produzida pela *Columbia*, companhia onde Capra cimentou a sua carreira de grande realizador, dirigida por George Stevens que realizou *«Gunga Din»*, interpretada por Irene Dunne de que todos se lembram de *«Roberta»* e dos *«Pecados de Teodora»* e por Cary Grant intérprete de *«Engano Nupcial»*.

Para uma fita fazer grandes promessas ao público, pode dizer-se afoitamente que não é preciso mais nada.

Por um lado...

Irene Dunne-Cary Grant é um par que entre tôdas as platéias do mundo, conta com uma irresistível simpatia. Ainda não há muitos meses — foi durante a época passada — êles deliciaram os cinéfilos portugueses com o seu trabalho de *«Minha Mulher Favorita»*.

Cary Grant que vai agora, dizem, casar com Barbara Muston a mulher mais rica do mundo tem, para não ficar envergonhado diante da fortuna da sua futura, uma fortuna de grandes interpretações, êle que é um milionário de êxitos. Emigrado de Inglaterra para a América, ainda muito novo, o seu primeiro contacto com artistas e com a arte de representar foi num pequeno teatro americano como... electricista. De então até hoje a sua carreira sempre trabalhosa mas triunfante, levou-o através de tôda a América numa companhia teatral ambulante até ao dia em que passou em Hollywood. Nesse dia foi contratado para prestar provas cinematográficas e nunca mais deixou de fazer filmes. A sua personalidade de comediante, a sua linha, a convicção da sua maneira de representar e o ar sadio duma presença sempre correcta mesmo nas cenas de farsa grangearam-lhe uma admiração e deram-lhe tais créditos que hoje o seu nome é só por si garantia dum êxito.

A n.° 1 das grandes mulheres do mundo

Não contente com isto, porém, a Columbia quis valorizar o elenco de *«A Canção da Saüdade»*, onde se contam alguns dos melhores actores secundários americanos, com a inclusão do nome de Irene Dunne, assim de novo reünida com Cary Grant.

Não há, infelizmente, em Portugal um conhecimento exacto do valor de Irene Dunne. Exactamente as extraordinárias interpretações da Broadway e algumas das fitas que não se exibiram em Portugal é que dão a medida do valor da grande actriz americana.

A sua projecção social, a sua envergadura é tão grande no mundo americano que, quando a dinâmica e autorizada Elsa Maxwell elaborou a lista das dez maiores mulheres do mundo, não hesitou e audaciosamente colocou à cabeça da lista o nome de Irene Dunne coisa com que muitos discordaram, claro, mas que ninguém teve o atrevimento de tomar em menos conta.

Rica, como poucas, de recursos dramáticos e com uma colossal faculdade de adaptação, Irene Dunne interpreta superiormente a comédia emprestando-lhe uma intenção deliciosa. Em *«A Canção da Saüdade»* vamos admirar muito do seu talento nalgumas facetas até agora desconhecidas entre nós.

Um grande realizador

Tão bons actores só podiam ser dirigidos por um realizador de grande competência. O realizador-produtor de *«A Canção da Saüdade»* é George Stevens. Para um cinéfilo convicto e com o seu ficheiro em dia, uma rápida consulta bastaria para avaliar da sua grande categoria.

Foi George Stevens que dirigiu *«Gunga Din»* fita poderosa, agitada, onde os grandes momentos de gargalhada, como eram os da apresentação dos três soldados, corriam com a mesma segurança dos de grande emoção, na cidade deserta, ou os da terrível balbúrdia, durante o combate com os revoltosos indus. Stevens dirigiu Fred Astaire e Ginger Rogers em *«Ritmo Louco»*, cheia de graça, exemplar de boa fita musical. Dirigiu, ainda, uma dezena de boas fitas, além de muitas das pequenas comédias que trouveram um grupo de meúdos: *«A Pandilha»*. Mas onde o valor de Stevens, como director de comédia teve a sua exacta medida foi em «Casamento em segrêdo» trepidante, enraizadamente humorístico, fértil de caricatura e de alegria.

Um grande terramoto

É o trabalho dêsse realizador tão completo e tão apreciado que se vai de novo apresentar nas telas portugueses com a *«Canção da Saüdade»*. Apresentação condigna. A Columbia pôs ao dispor de Stevens todos os seus recursos, principalmente quando foi necessário filmar a destruição de uma cidade japonesa durante um terramoto. É que a acção leva para Tóquio os dois protagonistas e é durante a sua passagem aí que um terramoto lhes destrói a casa e os deixa completamente sem recursos.

Nos estúdios da Columbia em vez de se filmar um terramoto como até aqui se têm filmado todos os terramotos que não sejam documentários, resolveu-se proceder de maneira nova. Construiu-se a cidade que devia ser destruída numa grande plataforma, especial para êsse efeito. Prepararam-se todos os maquinismos que deviam provocar as derrocadas, as explosões, os jactos de água e os incêndios. Nos lugares escolhidos em gruas, ou em plataformas próprias instalaram-se câmaras em quantidade suficiente para nada se perder. Operadores munidos de máquinas de reportatagem espalharam-se por tôda a «cidade». Às tantas começou a «catástrofe». E daí para a frente, durante as três ou quatro horas que aquilo durou, operadores e artistas andaram numa roda viva, usando todos os seus recursos, para aproveitarem ao máximo o acontecimento, como se êle tivesse vindo sem que o esperassem.

Para corresponder a todos estes recursos, George Stevens tratou de encher a sua nova produção com «trouvailles» magníficos e um nível de direcção superior que estivessem em perfeita proporção com o compromisso da Companhia produtora, dos seus artistas e, até, do magnífico argumento que lhe deram para base da sua fita.

Entre outras é já famosa a solução que deu à marcação de tempo, necessário no filme com uma intriga cuja demora é de dez anos.

As músicas mais características dos últimos anos serviram para dar êste tempo bem como as danças mais em voga de cada uma das recentes temporadas que têm agora uma nova encenação.

Irene Dunne, Cary Grant, George Stevens, boas ideias, boa música pelas melhores orquestras modernas da América, um clou gigantesco, graça e drama e todos os recursos duma companhia «especializada em êxitos» enchem de promessas a estreia de *«A Canção da Saüdade»*.

S. L.

«ANIMATÓGRAFO» EM HOLLYWOOD...

O BAILE DAS ESTRELAS

pelo nosso «enviado especial» A. DE CARVALHO NUNES

Hollywood, 9 — *Depois do «grande acontecimento» é esta a primeira sensação de realidade que tenho: o bater cadenceado das teclas no papel. Apetecia-me mais dormir... para sonhar de novo, mas a presença da portátil lembra os meus deveres de enviado especial da revista, e já agora prefiro evocar a noite de hoje enquanto os meus sentidos estão em maré-cheia.*

Greta Garbo não limitou a sua amabilidade a convidar «Animatógrafo» a assistir ao baile oferecido em honra de Gailord Hauser — o seu último (?) romance; foi também particularmente gentil ao receber-me.

Conversámos longamente, numa enternecedora intimidade.

Mostrou-se muito preocupada com a bôca e descreveu-me mesmo o regime alimentar a que o felizardo do Gailord Hauser a obriga. Não pude deixar de me sentir chocado com a ideia de que por onde saiem tão amorosas palavras, entrem tão insípidos alimentos. E insinuei no espírito da Garbo que era muito melhor comer pastéis de Belém com canela do que rabanetes com amendoim torrado.

Aliás, estivemos quási sempre em desacôrdo. Aconselhei-a a que não dançasse a rumba no seu próximo filme, porque tais propósitos não lhe assentariam bem. E apontei-lhe o que se passa entre nós, onde há grandes artistas a rumbar, mas ninguém capaz de interpretar a «Ninotchka».

Que tal disseste! Logo por azar estava ao nosso lado o cônsul da Soviécia, e a Garbo enfiando um cotovêlo acerado pelo meu estômago dentro cortou-me não só a fala como a própria respiração.

Entendi que não devia roubar mais tempo à dona da casa e, de afogadilho, disparei algumas preguntas indiscretas.

Respondeu-me a divina que em indiscrição não levava eu a palma aos repórteres americanos, que «pretendem à viva fôrça entrar de botas ferradas no coração duma mulher», mas sempre me queria dizer que sôbre o Remarque nada havia a oeste ou a leste e que o Stokowsky só por música...

Nisto, em grande alarido, entrou a Carmen Miranda trazendo a reboque o Bando da Lua. Lembrei-me do «Homem Perfeito» e da Joan Blondell, e vi que tinha mais um moinho de vento a vencer.

Apresentou-ma um artista brasileiro; estendi-lhe a mão, prazenteiro: — «Até que enfim. Maria do Carmo!»

A Carmen olhou para o brasileiro e fez-se verde, ao mesmo tempo que aos seus lábios rasgados aflorava um sorriso amarelo. Verde e amarelo; não me dei por achado, insisti: — «Trago-te as melhores lembranças dos patrícios!»

Então ela, fulminando-me com os olhos, sibilou: — «Você é cacête mesmo!»

Ao ver que me considerava (?) com cara de pau, voltei-lhe as costas, e como nessa altura passasse por mim o Mickey Rooney travei-o por um braço, disposto a ouvi-lo: — «Please, give me a little word»...

Não percebeu; naturalmente só fala o americano.

No fundo é um excelente rapaz. Levou a amabilidade a interessar-se pela carreira artística do Miúdo da Bica. Já se vê, não fiquei atrás. Fartei-me de gabar a Polly. E «de homem para homem» aconselhei-o que não caísse na asneira das contracenas, com a Greta Garbo.

Mas nisto aproximou-se de mim uma mulher de beleza estranha...

De olhos claros, o cabelo castanho escuro e uma figura coleante, aborvente, devoradora, caminhava lentamente em minha direcção. Tive a impressão que estava ligado à terra como qualquer aparelho de T. S. F. e que um cilindro das estradas se aproximava de mim com instintos homicidas.

— «Ainda hoje não dançou...». ...Levava-a nos braços como se fôsse a primeira lâmpada do Edison e não sentia o mundo a seus pés: não era mais do que um satélite à roda da sua estrêla.

Que dancei eu com a Lamarr? Só sei que a contemplava em êxtase. O pior foi quando lhe pedi para continuar assim, a contemplá-la em êxtase. Não levou nada a bem e queixou-se à Garbo que eu era mal intencionado (salvo seja).

Dali por diante as estrêlas modificavam as suas órbitas à minha passagem, pondo-se em eclipse. Apenas dancei mais duas vezes, com a Simone Simon, a quem aqui deixo consignado o meu agradecimento por me ter tirado do embaraço.

Para esquecer o mal-entendido entrei no «bar», precisamente na altura em que o Orson Welles se propunha fazer êle próprio o «cock-tail» que desejava beber. À terceira taça entrámos a filosofar. Para o pôr à vontade disse-lhe que, depois das pirâmides do Egito, não conhecia obra mais suculenta que o «Cidadão Kane». Concordou, mas foi dizendo que se tivesse sido também o operador as coisas correriam ainda melhor. Segundo êle, a 5.ª Avenida, porta sim porta não, dá um grande filme. A seguir vai pôr em pratos limpos (!) a vida do banqueiro mais rico da Wall Street. Também tem em projecto uma super-produção a respeito da indústria dos armamentos, mas já não acreditei mais no Welles, que alcançara então o seu décimo-segundo «cock-tail»...

As gargalhadas soavam mais alto, os passos do «big-apple» eram mais descompassados, o ritmo da música mais febril. Hollywood estava ali aos meus olhos. E eu procurava uma alma. Uma alma só que fôsse, desgarrada... Não devia ter ido ao «bar».

Algumas notas sôltas:

— Quando o Charlot foi acender pela sétima vez um cigarro no charuto do Lubitsch, êste começou sinceramente a encavacar.

— Durante a ceia, a Deanna Durbin levou todo o tempo a passar os pratos ao marido.

— Gostava que vissem a cara da Marlène quando, ao convidar-me para seu par, lhe disse que já estava comprometido...



Carmen Miranda, Orson Welles, Mickey Rooney e Greta Garbo, vistos por Júlio de Sousa

MISS AMÉRICA 1941

FUTURA VEDETA DE HOLLYWOOD

concedeu uma entrevista ao nosso correspondente em Nova York BERNARDO TEIXEIRA

ROSEMARY LA PLANCHE, «MISS AMÉRICA 1941» será talvez amanhã uma celebridade mundial, visita regular dos «écrans» de todo o Planeta. Ou talvez passem depressa os seus dias de glória, vencida por outra mulher ainda mais bonita. Ou pode surgir um casamento rico, que a leve a abdicar da fama e das suas pompas. Entretanto «MISS AMÉRICA 1941» está no galarim — e daí a entrevista que o nosso correspondente BERNARDO TEIXEIRA enviou de Nova York

Noite de gala no luxuoso Roxy Teatro. Uma grande multidão de pessoas curiosas formava alas às portas de entrada. Os passeios dos lados da Sétima Avenida e da Rua 50 estavam apinhados a não se poder romper. Desciam dos automóveis as senhoras elegantes da Quinta Avenida, Park Avenue e doutros locais inclinados à aristocracia; cavalheiros de casaca ajeitavam os laços brancos numa derradeira miradela diante dos espelhos do «hall». Os apitos dos «policemen» ensaiavam uma sinfonia diabólica, na esperança de descongestionar o trânsito e de harmonizar os privilégios do pião com os direitos do automobilista — eterno problema das cidades demasiadamente grandes como New-York.

Porquê tanto motim? Simplesmente porque era a «world première» do «Yank in the RAF», com a assistência do sr. La Guardia e doutras pessoas importantes? Não. A razão psicológica de tôda aquela curiosidade era esta: Sua Majestade Miss América 1941 aparecia em carne e ôsso no palco, não sòmente para se mostrar mas também para bailar.

Agora vou-lhes contar no estilo mais reporteriano — o neologismo é meu, suponho — que puder, como consegui, mercê de acrobacias cerebrais inimagináveis, entrevistar Sua Majestade.

O ATAQUE À CIDADELA

Numa altiva indiferença pelo Tyrone Power e pela Betty Grable que se iam alistar na RAF, eu abandonei a platéia e fui surrateiramente até à porta C que dá acesso aos camarins. Ali, porém, deparei com cinco obstáculos, qualquer dêles mais avantajado do que eu: um «doorman», outro «doorman» e três «policemen». Na pequena sala de espera, ao lado, umas dúzias de homens, reporteres e agentes de publicidade, falavam alto, riam e espreitavam qualquer negligência dos cinco obstáculos para dar um pulo até lá acima. Com aquela audácia que caracteriza as pessoas que admitem a possibilidade de ser postos na rua sem mais cerimónias, aproximei-me do «doorman» mais graúdo, que lògicamente devia ser o mais importante, e disse-lhe:

— «Tell Miss America that Mr..., representative of the most importante magazine of Portugal, is downstairs, and would like to see her».

Depois de lhe soletrar duma maneira vagarosa o meu nome e o nome de «the most important magazine of Portugal» — creio terem adivinhado, e sem favor, que se tratava do *Animatógrafo* — o sr. Doorman telefonou para o camarin da rainha, repetindo textualmente a minha enfática apresentação; e a resposta não se fez tardar.

— «She is sorry, sir... she cannot see you tonight... she is awfully busy...»

Sorridente, mas digno e importante, eu expliquei-lhe que seguramente S. M. estava equivocada visto que eu tinha uma entrevista marcada desde a véspera por telefone (o que, aliás, era verdade)... e que além disso se tratava dum redactor da «most important magazine of Europa» (a modéstia que caracteriza a nossa raça impediu-me de dizer Planeta). Êle, não sorridente, mas pelo menos tão digno e importante como eu, disse que nesse caso o meu nome ali deveria estar anotado. De facto lá estava, embora sem *ii* e com o *x* imediatamente após o *t*... e no fundo duma lista onde havia uns quinze ou vinte nomes. E para me não fazer perder tempo aconselhou-me a voltar para a platéia, pois S. M. nem sequer receberia talvez os dois ou três primeiros da lista. Assim, deambulei pelos corredores um quarto de hora, procurando uma luz que me iluminasse o caminho de S. M. Um relâmpago de génio, como êsse que fez um grande jurista português chegar à conclusão de que se poderia chegar a Condeixa antes mesmo de partir de Coimbra, desde que se possuísse um certo número de milhões de cavalos para atrelar à carruagem, convenceu-me (o relâmpago, naturalmente) de que se o meu nome, em vez de estar na cauda da lista, estivesse na cabeça, eu seria recebido. Espantado por ter tão fàcilmente modificado a sorte do destino, dediquei-me, um quarto de hora mais, à tarefa de convencer o imponente «doorman» de que a grandeza dos E. U. nada perderia com tal modificaçãozinha... E, após intenso trabalho de persuação, o milagre deu-se.

A RAPARIGA MAIS BONITA DO MUNDO

Às nove horas dessa vitoriosa noite, eu ajeitava o nó do laço «soit disant» uma gravata em sentido horizontal, meia dúzia de passos antes de transpor a real câmara de Sua Majestade. Aqui dou por findo o estilo heróico... e tenho a honra de lhes apresentar a rapariga mais bonita do mundo.

Rosemary La Planche, rainha de beleza da América em 1941, tem todos os encantos que se encontrariam num milhar de raparigas bonitas, reünidas num corpo só. Tudo nela é belo, harmonioso, sedutor; os olhos nem são verdes nem azues, mas têm a côr dos anjos; a bôca devia ter sido desenhada expressamente por qualquer pintor de génio; dos dentes dir-se-ia que nunca morderam nada mais do que flocos de neve; os cabelos têm a côr do ouro, dêsse ouro que os seus antepassados foram pesquisar para a Califórnia; o sorriso tanto pode ser um cravo branco numa manhã de primavera como um crisântemo vermelho num jardim oriental (depende da tendência poética de cada um); as espáduas, o busto, a cinta, tôdas as linhas do seu corpo, dão-lhe quási um ar de jovem deusa mitológica. Ela é o ideal de princesa encantada que todos os homens até os menos sonhadores, sonharam algum dia. Ela é, e nem o próprio Judas diria o contrário, extraordinàriamente linda e adoràvelmente perfeita. Em linguagem do sub-consciente é «o ideal de mulher que gostaríamos que gostasse de nós».

PREGUNTAS E RESPOSTAS

Além disso, possui o encanto das rainhas que fazem o possível para nos fazer esquecer a majestade. Sem nunca me ter visto antes, recebeu-me como se fôssemos velhos amigos; conversou, rindo por vezes como a mais adorável das crianças, sem um gesto postiço, sem uma palavra enfatoada nem nenhuma dessas toleimas características das pessoas que se julgam importantes. Não estava apressada tampouco; enquanto eu ali estivesse, disse ela, outras maçadas maiores lhe seriam poupadas. E assim começou a entrevista.

— Qual foi o dia venturoso a que coube a honra do seu nascimento?

— O dia 11 de Outubro de 1921. Não posso dizer-lhe exactamente a hora.

— Não importa. Mandar-lhe-ei um ramo de flores no próximo dia 11, pela manhã. Onde nasceu?

— Em Los Angeles, onde tenho vivido sempre.

— Sonhou alguma vez tornar-se Miss América?

— Não. No entanto quási senti essa emoção, o ano passado, quando fui proclamada primeira dama de honor de Miss 1940.

— Qual foi a sua maior emoção ao ser proclamada Miss 1941?

— Bastante confusa. Julgo que gostei muitíssimo... e, ao ouvir a ovação das 40 mil pessoas que assistiram às finais, em Atlantic City, creio que chorei... e ainda mais chorei quando vieram depor-me sôbre os ombros o manto da realeza.

É descendente de família francesa, como o seu nome leva a crer?

— Meu bisavô era francês. Estabeleceu-se na Califórnia e nós herdámos-lhe o apelido.

— Tem feito algumas viagens pelo estrangeiro?

— Nunca. Isso, porém, é o meu grande desejo; gostaria imenso de conhecer a América do Sul, a Europa, e se possível fôsse, todo o resto do mundo. Espero que poderei fazê-lo um dia.

— É verdade que dentro de três semanas parte para Hollywood, para dar início a um contrato com uma firma produtora de «films»?

— É certo.

— Posso saber os nomes dessa firma e da sua futura película?

— Não estou autorizada a dizê-lo ainda. Dentro de duas semanas pode preguntar-me de novo que talvez lhe possa responder...

— Tem a intenção de fazer carreira no teatro?

— De modo nenhum. Sinto fortes inclinações para o cinema.

— Que género de papéis gostaria mais de interpretar?

— A minha ambição, como de resto de tôdas as artistas, seria interpretar papéis dramáticos; não obstante, julgo que gostarei de interpretar algumas comédias em princípio.

— Quais são os seus artistas preferidos da tela?

— Barbara Stanwyck e Bette Davis.

— ...e masculinos?

— John Garfield e James Stewart.

— É esta a primeira vez que veio a Nova York?

— O ano passado, depois do grande concurso de Atlantic City, demorei-me aqui três dias... E foi então a primeira vez que saí da minha querida Califórnia. Não me posso considerar uma pessoa muito viajada.

— Gosta de Nova York?

— Sim, é grandioso. Mas nada há que valha o meu querido Los Angeles e tôda essa linda Califórnia que eu adoro

— Qual é o seu desporto favorito?

— A natação; pode considerar-me uma esplêndida nadadora. Adoro o tenis também.

— Gosta de música? Que género e que autores prefere?

— Gosto da música melodiosa e optimista. Os meus favoritos são J. Strauss e as suas valsas. Da música moderna tenho predilecção pelas rumbas e congas.

— Que género de livros prefere?

— Devo confessar-lhe que até agora não tenho freqüentado a literatura profunda e transcendente. Interessam-me sobretudo os livros sôbre educação, desporto... e tôdas as publicações sôbre moda feminina.

O AMOR E O DINHEIRO

— Está noiva?

— Absolutamente não

— Tenciona casar-se cedo?

— Agrada-me muito pensar que me não casarei tão cedo.

— É romântica?

— Adivinho que sim.

— O que pensa sôbre o amor?

— ...Ah!... Francamente não sei... Ainda não pensei nisso sèriamente... No entanto, julgo que o amor deve ser calmo, sincero, inteligente... e uma base segura de felicidade.

— Parece-lhe que o dinheiro seja um factor importante no casamento?

— De modo nenhum; não posso admitir a hipótese de casar-me sem amar sinceramnte a pessoa a quem una o meu destino.

— Nunca esteve ou julgou estar apaixonada?

— Definitivamente não.



Rosemary La Planche, «Miss América 1941» dedicou esta prova da legitimidade do seu título a «Animatógrafo»

E, depois desta consolação para os seus presentes e futuros admiradores, acabaram-se as minhas impertinentes preguntas. Miss La Planche mostrou-me gentilmente os segredos do complicadíssimo vestido azul com que faz «tap dance» no palco do Roxy, até aos meados de Outubro. Êste vestido tem o condão de se ir desfazendo até que fica muito pequenino, tão pequenino como um fato de banho pequeno. Explicou-me a virtude dos seus sapatos, prateados, de dança e demonstrou-me como os tacões dos sapatos das senhoras reflectem a personalidade de cada uma — coisa em que, francamente, não acreditei muito. Depois fez-me umas preguntas sôbre Portugal e cinema português. E à minha pregunta «que ideia tem sôbre o meu país?» respondeu que apenas sabia o que lhe ensinaram na escola a êsse respeito e que além disso tinha a impressão dum país cheio de luz, com poucas chuvas e belas paìsagens.

Aproximavam-se as dez horas, tempo da sua entrada em cena. Gentilmente forneceu-me as indiscretas informações que lhe pedi sôbre altura, pêso, etc.... ofereceu-me três fotografias, tôdas diferentes e bonitas, disse-me que fôsse visitá-la antes da sua partida para Hollywood... e foi-se embora para a cena depois de me pedir que lhe dissesse uma frase em português «para ver como era».

OS SINAIS PARTICULARES DE MISS AMÉRICA

Miss Rosemary La Planche tem 19 anos de idade neste momento, 5 feet e 5 ½ inches de altura (sem sapatos). busto: 34, cintura: 24, «hips»: 36 (reduzam os inches a centímetros se isso lhes interessa), pesa 120 libras. Está estudando na Escola Dramática de Los Angeles, segundo ano, depois de ter terminado a «high school». Foi em 1940 Miss Califórnia e considerada a segunda beleza da América. Êste ano foi unânimemente considerada não só a mais bonita da Califórnia mas também de tôda a América. Tem-se feito enorme publicidade com a sua figurinha sedutora, tanto nas revistas como nos grandes armazéns de modas; há vestidos, chapéus, sapatos, etc., «Miss América 1941»; há os cigarros «que Miss América prefere» (embora em realidade ela não fume) e tantas outras coisas mais. E haverá em breve grandes cartazes luminonos, como «star» da interminável constelação de Hollywood num filme que a fará estrêla de primeira grandeza... se fôr feliz.

Voltei à plateia para a ver dançar. Tão graciosa e linda ela me pareceu outra vez que involuntàriamente copiei Marcelino Mesquita, falando comigo próprio: «Pois, se há tanta mulherinha, por que estranha fantasia... uma nos parece mais bonita que tôdas as outras!?»

Nova York, 29 de Outubro.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

HISTÓRIA BREVE DOS 53 NÚMEROS DO NOSSO JORNAL

vedetas: Clotilde e Alexandre Sakharoff, Marie Dubas, Maria Teresa de Noronha e o Maestro Pedro de Freitas Branco, dirigindo a Orquestra Sinfónica Nacional. — A. L. R. condena a inexplicável e indesculpável indiferença da grande Imprensa pelo Cinema.

N.º 14 A *Festa dos Prémios* constituíu um dos mais categorizados e brilhantes espectáculos oferecidos ao público de Lisboa. A Taça, lindíssima, foi atribuída ao *Monte dos Vendavais*, proclamado o melhor filme de 1940 e as medalhas a Greta Garbo, pela interpretação de *Ninotchka*, e a Leslie Howard, por *Pigmaleão*. — Dois artistas portugueses alcançam os primeiros lugares do Referendum dos Retratos: Maria da Graça (hoje Graça Maria) e Óscar de Lemos. — O número assustador de cartas que se acumulam na secretária de Bel-Tenebroso (alguns milhares) obriga a publicação de quatro páginas de respostas.

N.º 15 Prossegue o grito de confiança: *O Cinema Português continua!* Brum do Canto já começou «Lôbos da Serra», Leitão de Barros prepara «Ala, Arriba!» e «Maria da Fonte», Lopes Ribeiro monta o documentário da «Exposição do Mundo Português». — De «Ala, Arriba!» publica-se uma reportagem sensacional, feita na Póvoa de Varzim. — Começa a campanha contra o intervalo a meio dos filmes, verdadeiro contra-senso que só o espírito rotineiro e não-te-rales da nossa gente admite que subsista em Portugal.

N.º 16 As dificuldades resultantes da guerra obrigam o jornal a abandonar o processo da rotogravura. — Os exibidores dizem de sua justiça no prélio contra o «segundo intervalo». — *O público sabe o que quere! Dizer o contrário não é desculpa para os que o servem* — afirma-se num artigo. — Apoia-se a ideia do *Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico* a favor das vítimas do ciclone, projecto generoso do Grémio Nacional dos Distribuïdores.

N.º 17 Uma nova iniciativa de «Animatógrafo»: a *Defesa das obras-primas*, filmes considerados não-comerciais, de que o jornal vai patrocinar a apresentação. O primeiro será «As Mãos e a Morte», de Lewis Milestone. — Os leitores aderem em massa à campanha contra o intervalo a meio das fitas. Os exibidores concordam... mas continuam na sua. — Publica-se em primeira mão na Europa a lista dos candidatos aos prémios da Academia de Hollywood, em «últimas» a relação dos vencedores: *Rebecca*, John Ford, Ginger Rogers, James Stewart...

N.º 18 No artigo de fundo, A. L. R. encara as *Possibilidades dum Cinema Ibérico*, ideia que substitui, por sugestão de Garcia Viñolas, a primitiva noção de Cinema Latino. Escreve-se: *...exortamos os que podem mais* (que nós) *a não desprezar o sulco aberto por nossas mãos, conduzindo o Cinema Ibérico ao seu claro e legítimo fim. As possibilidades que se lhe deparam são imensas. Ignorar a porta que se abriu, a mão que se estende, o campo que se rasga — seria imperdoável e fatal.*

N.º 19 Número dedicado especialmente a Ginger Rogers, a triunfadora da Academia. Em *Lição de uma actriz* incitam-se as raparigas portuguesas com vocação a tentarem a carreira cinematográfica, se ela se lhes oferecer.

N.º 20 Três eclesiásticos ilustres fazem a «Animatógrafo» uma declaração fundamental: *São os costumes que corrompem o Cinema e não o Cinema que corrompe os costumes!...* Santa verdade. — Carvalho Nunes insurge-se contra os «espíritos apressados» que acusam o Cinema Português de caminhar devagar e mal. «*Diz-se que um dos nossos defeitos é a falta de persistência. Pois comecemos por ser teimosos...*». Augusto Fraga a propósito da visita de alunos e alunas dos liceus aos estúdios da Tobis, escreve: *Condeno aqueles que preferem encarar o Cinema como um nirvana cheio de seduções a encará-lo como uma laboriosa manifestação da actividade humana.* — Osório de Oliveira, no seu *primeiro artigo sôbre Cinema*, conclui: *As noites passadas nos Cinemas são hoje, para a grande maioria, a única evasão da realidade, ainda possível nesta hora do mundo.*

N.º 21 Reconhecendo a ausência completa de resultados práticos, «A» abandona estoicamente a sua campanha contra o segundo intervalo. Conclusão: *Os exibidores desprezam os cinéfilos, têm o público que basta à sua largueza de vistas — e o público tem os exibidores que merece.* E deduz-se que os concessionários dos bufetes são os potentados máximos do Cinema em Portugal...

N.º 22 Proclama-se em artigo de fundo que é êste o momento oportuno para iniciar a sério a produção contínua de filmes portugueses. Escreve-se: *Portugal não tem o direito de deixar fugir êste momento único.* E A. L. R. promete *agir primeiro e falar depois.* — Um exibidor, numa carta para a redacção, levanta o gravíssimo problema da situação dos pequenos cinemas da província, chamando para êle a atenção do respectivo Grémio Nacional.

N.º 23 Introduz-se a noção de *cine-bufetes* para designar os cinemas que continuam indiferentes à campanha contra o segundo intervalo, e faz-se acto de contrição, reconhecendo-se pùblicamente que *os maiores inimigos do Cinema são os cinéfilos* e o intervalo a meio das fitas é *uma nobre e salutar instituïção, retintamente portuguesa, duma originalidade indiscutível e que visa exclusivamente o bem comum...* —Comenta-se a carta admirável duma desconhecida, que pregunta a «A» o que há-de fazer para evitar que uma sua filhinha sofra a mesma desilusão que ela sofreu, não chegando a ser actriz de Cinema. E escreve: *Se ela gostar de Cinema, se ela mais tarde apreciar o Cinema da mesma forma como eu sempre o apreciei, em que directrizes devo começar a orientá-la, para não lhe acontecer o mesmo que a mim, que nunca pude satisfazer a minha ambição?...* Êste raro exemplo de consideração e respeito pela Sétima Arte é comentado entusiàsticamente por Mota da Costa. — Noticia-se a vinda a Portugal de Benito Perojo para tratar da realização dum filme luso-espanhol.

N.º 24 Dá-se notícia de que vão começar as filmagens de «Ala, Arriba!», de Leitão de Barros e Alfredo Cortez, terceiro filme produzido durante o primeiro ano do «A». — Carvalho Nunes lança o grito *Acuda-se à Província!*, verberando a *impotência e a incompetência* dos exibidores que se queixam da crise e dos impostos, em vez de se queixarem de si próprios, estranhando que o público não acorra a ver filmes mal escolhidos, mal rèclamados e mal exibidos, com má projecção e som péssimo. Fraga continua a reclamar continuïdade e um plano prévio para a produção portuguesa. E clama: *É preciso que o Cinema em Portugal não seja uma arte estrangeira. Um país sem Cinema, no século vinte, é um país no passado, um país onde tudo é um eterno eco...* E faz esta arrojada, corajosa afirmativa: *O que é preciso é criar dificuldades cada vez maiores ao Cinema Português para que se lhe encontrem soluções!*

N.º 25 Anuncia-se o primeiro espectáculo do «Clube do Animatógrafo», a realizar em 2 de Maio, no Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII, cedido pela Câmara Municipal de Lisboa.—Publica-se uma carta de Leitão de Barros a A. L. R., em que o realizador de «Ala, Arriba» afirma: «*Está modificado o ambiente do meio cinematográfico do nosso país... A primeira grande doença de que temos de curar o nosso cinema é o amadorismo*»... E considera «Animatógrafo», jornal profissional, *sintoma do saneamento da atmosfera, prova de que progredimos.* — O artigo de fundo é dedicado à *Manifestação Nacional a Salazar*, a que o jornal se associa fervorosamente.

N.º 26 Relata-se o êxito alcançado pelo 1.º espectáculo do *Clube*, em que se reexibiu o filme «O Caminho do Paraíso» — A página central é dedicada à Manifestação Nacional a Salazar. E nela se sugere a criação duma *Tôrre do Tombo* cinematográfica, onde se guardassem, e se perservassem da acção do tempo, os filmes de interêsse histórico, como os documentários que se fizeram durante essa grandiosa Manifestação.

N.º 27 Levando àvante mais uma das suas arrojadas iniciativas, «A» dá conta do que foi a estreia, no Cinema Condes, da primeira fita apresentada sob o signo da campanha *Em defesa das Obras-Primas* lançada desde o n.º 17: «As Mãos e a Morte», que não encontrava cinema com coragem para a apresentação, dada a estranheza do tema focado, foi apresentada por «Animatógrafo», de colaboração com a Sonoro Filme, firma distribuidora da película. O acontecimento chamou a atenção do público culto, merecendo calorosas referências nos jornais diários. E obtiveram-se resultados dignos dum filme que, de contrário, talvez não chegasse a ser exibido por ser... bom demais! — Na sua crónica, analizando os embaraços financeiros da nossa indústria cinematográfica Fraga pregunta: *Por que não há-de haver um Banco de Cinema cujos serviços estudassem cada negócio pormenorizadamente com as garantias que êle representa e que se encarregasse do financiamento dos filmes?* — Na página *Cinema de Amadores*, publica-se um manifesto anunciando a criação do *Clube Português de Cinema de Amadores*.

N.º 28 Assinala-se uma data no Cinema Português: a próxima realização de «O Pai Tirano», primeiro filme duma série *contínua* de produções, dirigidas por António Lopes Ribeiro, que cumpriu assim a promessa feita no n.º 22: agir primeiro e falar depois — Elogia-se uma palestra radiofónica do Dr. Agostinho de Campos, em que o douto professor preconiza a criação urgente dum Cinema Nacional, para evitar a desnacionalização proveniente da deglutição exclusiva de fitas lá de fora — *«invasão estrangeira do que se mete pelos olhos e pelas almas dentro, e onde não perpassa nem vislumbre do nosso carácter, nem relâmpago da nossa história, nem calor do nosso patriotismo, nem sôpro do nosso génio colectivo.* — Transcreve-se um telegrama de CIRCE (Círculo Cinematográfico Espanhol) saùdando a inauguração do *Clube do Animatógrafo*. É que o nosso jornal é lido regular e atentamente pelos responsáveis do Cinema Espanhol. — Noticia-se a partida para os E. U. A. de Bernardo Teixeira, correspondente especial de «Animatógrafo».

(Conclui no próximo número)

Algumas das melhores produções europeias

são apresentadas em Portugal pela «Nacional Filmes»

distribuidora dos «Exclusivos TRIUNFO»



Laurence Olivier e Vivien Leigh que vão aparecer juntos em «21 Dias»

A actividade da Nacional Filmes, se bem que relativamente recente, tem marcado no nosso meio cinematográfico uma posição interessante, especialmente por se lhe dever a distribuïção de algumas produções europeias de indiscutível categoria, como «Herói do Niger», «O Caminho de S. Petersburgo», e sobretudo, «Pigmalião», o admirável filme que Gabriel Pascal produziu com a colaboração de George Bernard Shaw. Ainda recentemente a actividade da Nacional Filmes se manifestou de novo apresentando uma outra produção europeia de grande valia, o filme francês «A Carroça Fantasma», extraído por Duvivier do famoso livro de Selma Lagerlöff, filme êsse que, tal como sucedera com «Pigmalião», provocou intenso movimento de curiosidade e agrado, particularmente nos sectores mais cultos do público.

A magnífica selecção dos «Exclusivos Triunfo»

A programação reünida pela Nacional Filmes com vista à presente temporada, não fica atrás, em qualquer aspecto, das que apresentou anteriormente.

Distribuïdora em Portugal dos «Exclusivos Triunfo», a Nacional Filmes capricha em organizar programações harmoniosas, dentor de um rigoroso critério de selecção.

Citemos em primeiro lugar «Ginger é bom rapaz», produção de Erich Pommer; trata-se da adaptação da conhecida novela do grande escritor W. Somerset Maugham, em que o espantoso actor Charles Laughton tem uma admirável criação burlesca. O filme, cuja acção se localiza no ambiente romanesco dos Mares do Sul, foi considerado um dos dez melhores do ano pelo National Motion Picture Board of Review. Em segundo lugar apontemos «O Espião Negro» (The Spy in Black), dirigido por Michael Powell e interpretado por Conrad Veidt, Valerie Hobson e pela linda June Duprez, que vimos em «Quatro Penas Brancas». Veidt desempenha o papel do comandante de um submarino encarregado de perigosíssima missão. E a empolgante e oportuníssima intriga do filme leva os espectadores ao interior de Scapa Flow, a célebre base da esquadra inglesa. Em terceiro lugar pode citar-se «Ilusões Perdidas», com Charles Laughton e Vivien Leigh, de que nos ocuparemos adiante mais pormenorizadamente, tal como faremos a respeito de «21 Dias», outra película de classe invulgar.

Apontemos a seguir «Escândalo na Cidade» (Thunder in the City), de Marion Gering, com o notável actor americano Edward G Robison, Ralph Richardson, Nigel Bruce, Luli Deste (nome de cartaz da baronesa austríaca Hohenberg) e Constance Collier. A lista dos «Exclusivos Triunfo» é completada por duas produções do mais alto interêsse: a comédia «O que aconteceu ao Jorge» (Let George do It) em que o actor cómico George Formby, popularíssimo em Inglaterra (chamam-lhe o «Fernandel inglês») tem uma brilhantíssima e desopilante interpretação — e a fita de espionagem «Os Planos Q», apaixonante novela de aventuras cheia de oportunidade que os célebres artistas Laurence Olivier (o de «Monte dos Vendavais»), Valerie Hobson e Ralph Richardson (que tanto se fez notar na «Cidadela» e nas «Quatro Penas Brancas») têm magistrais criações.

Extra-programa, a Nacional Filmes apresentará um sensacional documentário sôbre a guerra actual: «A Batalha do Rio da Prata». O principal assunto dessa película de 2.600 metros é o combate naval de que resultou o afundamento do cruzador alemão «Graf Spee», mas muitos outros episódios de interêsse palpitante estão nela incluídos: Munique, a ocupação da Checoslováquia, a invasão da Polónia, a luta em Narvik, o combate no fiorde de Josing entre o «Cossack» e o «Altmark», etc. Resta acrescentar que êste filme foi realizado com a colaboração do Almirantado Britânico.

«Ilusões perdidas»

Esta produção de Erich Pommer — que será estreada em Dezembro próximo no Eden — chama-se no original «St. Martin's Lane». O seu argumento foi escrito propositadamente para o cinema pela conhecida romancista Clemence Dane, um dos nomes mais prestigiosos da moderna literatura britânica. Trata-se de uma história emocionante que decorre no meio dos artistas populares que distraem, com exibições improvisadas, o público das longas «bichas» dos teatros londrinos.

Charles Laughton tem neste filme uma das suas mais curiosas interpretações, pois dança e canta uma canção «Straw Hat in the Rain» (o «palhinhas» à chuva) composta especialmente por Arthur Johnston, autor de muitas das canções que popularizaram Bing Crosby, como por exemplo a admirável «Pennies from Heaven». Na referida canção Laughton é acompanhado por Vivien Leigh, que desempenha o principal papel feminino, Tyrone Guthrie e Gus Mc Naughton, conforme mostra a gravura que publicamos nesta página.

Além dos artistas citados interpretam outros papéis do filme os excelentes artistas Rex Harrison, Edward Lexy, Maire O'Neill, etc. E para que se avalie a qualidade e o interêsse musical de «Ilusões Perdidas» acrescentaremos que nele intervêm Larry Adler, o celebérrimo «virtuose» da gaita de beiços, e o formidável pianista Carroll Gibbons e a sua orquestra!

A qualidade técnica de «Ilusões Perdidas» é outro motivo do seu êxito. Dirigiu-o Tom Whelan, a quem o cinema inglês deve algumas das suas melhores produções, e fotografou-o o excelente operador francês Jules Kruger (que filmou «A Carroça Fantasma», por exemplo). As decorações do filme, devidas a Tom Morahan, vão de certo tornar-se notadas, pela sua categoria e importância.

Vivien Leigh e Laurence Olivier no primeiro filme que interpretaram juntos

«21 Dias» é baseado na obra do grande escritor inglês «The first and the last», drama cheio de vibração e de situações vigorosas. Dirigiu o filme o realizador Basil Dean, a quem se deve essa admirável «Ninfa Constante» que vimos há alguns anos.

Os três papéis principais são desempenhados por actores muito conhecidos do público português. O par protagonista esteve em Lisboa há perto de um ano, pouco depois do seu casamento: Laurence Olivier, intérprete notável da «Rebecca» e de «Orgulho e Preconceito», e Vivien Leigh, que se tornou mundialmente famosa com a sua criação no «Gone with the wind». O terceiro papel está a cargo do esplêndido actor Leslie Banks.

Vincent Korda, arquitecto-decorador de primeira água, premiado no ano passado pela Academia de Hollywood pelo seu trabalho em «O Ladrão de Bagdad» desenhou os cenários dêste filme que vai de certo agradar muito especialmente ao público português.



Charles Laughton canta e dança em «Ilusões Perdidas»! Ei-lo numa cena do filme, acompanhado por Vivien Leigh, Tyrone Guthrie e Gus McNaughton

Ginger Rogers

hesita entre

«TOM» — GEORGE MURPHY

«DICK» — ALAN MARSHAL

E

«HARRY» — BURGESS MEREDITH

num filme maravilhoso e cheio de graça dirigido por

GARSON KANIN,

o realizador de «Mãizinha à fôrça»





"Os amores de Joaninha"



«Tom, Dick and Harry», é o títu original desta comédia encantadora e que o espírito e o sonho se entrelaça da maneira mais sugestiva e mais adm rável. A altíssima qualidade da enc nação, o desempenho de Ginger Roge (que tem na protagonista outra espa tosa criação) e dos três galãs com que contracena, e a fantasia, a originalidad e a graça divertidíssima do argumen levaram a crítica americana a distingu este filme com a classificação máxima 4 estrêlas.

O público vai interessar-se com poucas vezes — e a divertir-se e ente necer-se com a história de Joaninh uma telefonista fresca e alegre, qu arranja três namorados e não sabe po qual se decidir. Por Tom, vendedor d automóveis, ambicioso, com um bel futuro à sua frente? Por Dick, rapagã saüdável e simpático, e rico ainda po cima? Por Harry, um mecânico content com a sua sorte, um tanto fantasista permanentemente bem disposto? Joan nha hesita... Joaninha não sabe qu escolher...

UMA PRODUÇÃO RKO

RÁDIO FILMES

OS QUE CANTAM, TOCAM E DANÇAM NO FILME

O Pátio das Cantigas

O segundo filme da Produção António Lopes Ribeiro procura dar novo sentido à palavra «popular», que tão abandalhada tem sido em mil e um espectáculos inferiores e grosseiros que dela se serviram como desculpa, ou melhor, como passa-culpas. António Lopes Ribeiro e Francisco Ribeiro — o produtor e o encenador de «O Pátio das Cantigas» — resolveram adoptar uma atitude diferente, indiscutivelmente mais digna. Para o conseguir, encontraram a mais compreensiva colaboração, como é fácil de imaginar, no argumentista, nos planificadores e nos autores dos diálogos — ou seja em António Lopes Ribeiro, em Francisco Ribeiro e em Vasco Santana.

Servindo-se de figuras populares e de ambientes populares, compuzeram um espectáculo que será popular porque agradará a tôda a gente — mas que não será ordinário nem sequer «vulgar». «O Pátio das Cantigas» vai fazer rir, como «O Pai Tirano» faz rir nos seus melhores momentos; vai comover, vai emocionar o público; vai interessá-lo pelo seu enrêdo e encantá-lo com a sua música. Além disso, «O Pátio das Cantigas» reúne um conjunto de intérpretes excepcional: Maria das Neves e António Silva, Vasco Santana e Ribeirinho, Maria Paula e António Vilar, Graça Maria e Carlos Otero, Maria da Graça, a vedeta da rádio, e Laura Alves, Barroso Lopes e Armando Machado, Carlos Alves e João Silva, Elieser Kamenesky e Reginaldo Duarte — para só falar nos principais.

Todos êstes artistas interpretam figuras «em corpo inteiro», com pés e cabeça, com «feitio», isto é, com caracter, condição essencial para que o público fique a conhecê-las e a estimá-las.





Na mansarda do «Engenhocas» (Carlos Alves) há sessão de guitarradas naquela noite. O concertistas são dois ases: o Narciso (Vasco Santana), canalizador aposentado e sentiment que tira com os dedos rechonchudos, das cordas da guitarra, sons tão maviosos como os q assobia com os beiços inspirados, quando os desgostos de amor fazem murchar o seu bigo anacrónico — e Rufino, seu filho (Ribeirinho), dono da melhor leitaria do sítio e da mais espa panante viola de Lisboa. Narciso e Rufino vão ficar na memória de tôda a gente como duas d mais expressivas e engraçadas criações de Vasco Santana e de Ribeirinho, os triunfadores «O Pai Tirano».

A menina Celeste estuda piano. Horas a fio, persistentemente, «pinga» escalas com laborio aplicação. — «Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si... Dó, ré, mi, fá, sol, lá si...» — Pobre menina Celest Mas o papá Evaristo (António Silva) quere ter uma filha prendada, uma filha que honre a s drogaria — e não há mais remédio: «Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si...» de manhã até à noite.

Laura Alves, com o seu talento e a sua vivacidade, faz da menina Celeste uma delicio figurinha, cheia de sabor, de pitoresco e de vida.



Mal se ouve música, arma-se um bailarico no Pátio do Evaristo — «O Pátio das Cantigas», onde todos cantam e tocam e dançam, novos e velhos.

Na gravura de cima: A Senhora Rosa (Maria das Neves) dança com o velho Heitor (João Silva), avô da Amália (Maria Paula), que rodopia nos braços do Carlos Bonito (António Vilar), e da Susana (Graça Maria), que o Alfredo (Carlos Otero) catrapisca no fundo — e a fundo. João Magrinho (Barroso Lopes) está sem par: a menina Celeste não desceu ao pátio naquela clara manhã de Junho... A música que provocou êste baile improvisado não se «vê» na fotografia — mas ouve-se na fita.

Boris, o russo melancólico (Elieser Kamenesky) dá a nota exótica no «Pátio das Cantigas». Vive para os seus bichos e para a sua nostalgia, que alimenta e cultiva ao som do seu violoncelo e das canções tristes e belas da sua terra distante.

Constituiu família em Portugal: uma família de animais amigos — cãis, gatos, canários — e nunca uma família se deu tão bem. Pode dizer-se que a casa de Boris é o reino da harmonia — porque homens e bichos se dão como Deus com os anjos e porque anda sempre no ar uma melodia suave e embaladora.



António Vilar tem no Carlos Bonito de «O Pátio das Cantigas» uma oportunidade excepcional. O papel ajusta-se ao seu temperamento, ao seu físico, às suas faculdades, por forma tão adequada que não é difícil augurar-lhe um triunfo decisivo, pois vai permitir-lhe tirar o máximo rendimento das invulgares disposições para actor de cinema que revelou em pequenas intervenções noutros filmes.

A gravura mostra António Vilar, ou melhor, Carlos Bonito a cantar a «Manolita», uma linda canção romântica do Maestro Flores, que estava num dos seus melhores momentos de inspiração quando escreveu a sua letra e a sua música. E António Vilar interpreta-a primorosamente. «Manolita» vai dar a volta a Portugal, vai popularizar-se ràpidamente, tão certo como dois e dois serem quatro.





Beija os rapazes e... Adeus»

Mary Martin e Don Ameche são os protagonistas uma das mais encantadoras e dinâmicas produções a Paramount «Beija os rapazes e... Adeus».

Êste filme é uma excelente comédia musical reheada de lindas canções e inúmeros momentos ómicos.

Além de Mary Martin e Don Ameche, outros randes artistas interpretam as personagens da istória de Clare Boothe. São êles, e em primeiro ıgar o notável compositor Oscar Levant, que toca dmiràvelmente alguns momentos da partitura do lme; Virginia Dale, Bárbara Allen, Raymond Walurn, o característico actor tão do agrado do público ortuguês, Elizabeth Patterson, Jerome Cowan, a rande estrêla das revistas da Browadway e uma as favoritas de Irvins Berlin, o famoso compositor onny Bauswell e Rochester, o negro excêntrico ue arrebatou as plateias ao lado de Jack Benny m «Por sua dama».

Com um elenco dêstes e um director como 'ictor Schertzinger êste filme tinha por fôrça de esultar num grande êxito.

Leitores: — vão admirando as duas fotos que ublicamos e esperem, com a mesma ansiedade om que nós esperamos, a estreia desta comédia ue nos vai dispôr bem e que foi produzida pela aramount.



PANORAMA ACTUAL DUMA INDÚSTRIA

A GUERRA não venceu O CINEMA

Uma análise imparcial do que se passa desde Setembro de 1939 nos diferentes países produtores

por FÉLIX RIBEIRO

Já aqui o dissemos. A guerra, que lançou a perturbação no seio das mais diversas actividades, que fez diminuir a cadência da produção de certas indústrias, paralizando outras totalmente, não atingiu, ao de leve sequer, a indústria cinematográfica. Pelo contrário. Quem estiver ao par da actividade mundial do Cinema notará, com admiração não isenta de espanto, que em todos os centros cinematográficos o ritmo da produção não só não diminuiu, como duma maneira geral se acelerou até, de forma impressionante. É que o Cinema é hoje um elemento indispensável na vida dos povos, parte integrante e imprescindível da sua existência quotidiana. A sua influência é das mais incisivas e das mais decisivas.

No Mundo, o mundo do Cinema segue a sua rota, imperturbàvelmente.

O Cinema triunfa da guerra, em tôda a linha!

O Cinema em FRANÇA

Setembro de 1939. A declaração da guerra vem encontrar o cinema francês numa linha ascendente, quer no que respeita a quantidade dos filmes produzidos, quer no que se refere ao seu nível de qualidade. Nunca o cinema de Além-Pirineus acusara um tal desenvolvimento. Os filmes de França acreditando-se, acreditam aqueles que os tornam possíveis.

A mobilização, depois, subtraindo pròdigamente elementos às fileiras dos técnicos e dos artistas, e dando aos estúdios destinos diferentes daqueles para que tinham sido levantados, fere de morte o cinema francês.

5 de Junho de 1940. O armistício dá com êle totalmente paralizado. À incerteza dos primeiros tempos sucede-se, finalmente, o almejado período de renascimento. Primeiro os cinematografistas da zona livre, depois os que tinham ficado em Paris, lançam-se deliberadamente na luta. O govêrno de Vichy paga a Raoul Ploquin oitocentos mil francos por ano para reorganizar e dirigir o cinema do seu país. A tarefa é árdua e espinhosa. Tão árdua e ingrata que tamanho salário mal paga o esfôrço empreendido e as circunstâncias em que é feito. O Comité de Organização da Indústria Cinematográfica começa os seus trabalhos com afinco e vontade de vencer. Para tornar mais fácil a tarefa dos produtores, o govêrno de Pétain destina cinqüenta milhões à indústria. E os estúdios de Marselha e de Nice, como aliás os de Paris, voltam a animar-se com o calor dos «sunlights», o brilho das vedetas e a presença dos técnicos.

Hoje os filmes de após guerra começaram a correr já nos écrans de França, os de Paris tècnicamente mais perfeitos, os da zona livre mais numerosos. O cinema gaulez triunfou dum mau bocado. O filme francês volta a correr mundo.

Em ESPANHA a indústria cinematográfica acusa grande desenvolvimento

A guerra civil destruiu e pulverizou a indústria cinematográfica espanhola, que vinha acusando uma importância digna de atenção. Com o triunfo de Franco, o cinema encontra no novo govêrno a protecção e o amparo indispensáveis quando o Caudilho entregou nas mãos de Manuel Augusto Garcia Viñolas, poeta e homem de acção, os destinos do cinema da sua terra. A acção do director de «Primer Plano» faz-se sentir em todos os ramos da produção, moralizando, orientando, imprimindo novas directrizes à indústria cinematográfica de Espanha, permitindo-lhe um desenvolvimento que ninguém, antes, teria tido possibilidade de antever.

Os estúdios do país vizinho, os de Madrid, de Barcelona e de Valência, trabalham ininterruptamente, quási sem possibilidade de dar vasão à produção projectada.

Consciente de que o cinema nacional atingiu proporções tais que lhe permitem passar sem a colaboração estranha, o Ministério da Indústria e Comércio, por intermédio do Sindicato Nacional do Espectáculo fez entrar em vigor o famoso decreto de Abril dêste ano o qual, devido às pesadas medidas impostas à entrada de filmes de outras nacionalidades, põe pràticamente fora de Espanha a produção estrangeira.

Na ALEMANHA o Cinema gosa de prerrogativas de indústria de guerra

Os dirigentes alemães foram os primeiros a considerar o Cinema como precioso e valoroso elemento, como auxiliar imprescindível dum país em guerra. Dos seus estúdios não saiu, por isso, para o campo de batalha um único dos seus artistas, o mais modesto dos seus técnicos. Tempelhof, Neubabelsberg, Friederichstrasse passava a ser de ora àvante o campo de guerra dêsses novos soldados. A Sétima Arte, de Riccioto Canudo tornava-se, na «trouvaille» feliz de Lopes Ribeiro, a Sétima Arma dos tempos modernos.

Foi assim que os estúdios germânicos, dir-se-ia que insensíveis ao que no mundo se passava, produziam num ritmo que jàmais tinham conhecido. Foi isso que tornou possível à UFA, para não falarmos senão duma casa, produzir o ano passado, no auge da luta do seu país, 34 filmes de fundo, 20 culturais e 104 jornais de actualidades!

Êsse ritmo não se alterou. Pelo que se sabe dos seus programas de produção, a UFA, a Tobis, a Terra, a Wien, a Bavaria devem trabalhar e produzir nesta época numa cadência igual àquela que a temporada passada se observou nos seus estúdios.

Em INGLATERRA, em pleno clima de guerra, trabalha-se afanosamente nos estúdios

De «Major Barbara», a adaptação cinematográfica da obra de G. B. Shaw, realizada em Londres por Gabriel Pascal e hoje em exibição mundial, se pode dizer que foi feito entre bombardeamentos. Na realidade, foi no período mais agudo do ataque à Grã-Bretanha, entre o crepitar dos canhões anti-aéreos e o deflagrar de bombas incendiárias que aquele, como muitos outros filmes, foram produzidos nos estúdios dos arredores de Londres. Êsses exemplos dizem-nos claramente da decisiva importância do Cinema e da perseverança, entusiasmo, amor da profissão dos que o servem em condições tão pouco cómodas e propícias. Nos estúdios ingleses, como em outros países, o desfalecimento, o desalento, é coisa que ninguém consegue descortinar. Mesmo com «équipes» desfalcadas em técnicos e artistas, grande número dêles servindo honrosamente o seu país noutros sectores, a produção prossegue em grande escala, a que a colaboração das companhias americanas veio contribuir ainda para que dos estúdios de Denham, Twickenham, Pinewood saiam continuamente mais e mais filmes. O cinema, não há dúvida, triunfa completamente.

Fizeram-se em ITÁLIA, em 1939, 77 filmes. Este ano devem realizar-se 140

Em 1939 fizeram-se em Itália setenta e sete filmes. No ano seguinte êsse número passou para 99. Êste ano, segundo a afirmação do ministro Pavolini o plano de produção deverá atingir 140 filmes.

Esta progressão revela bem, melhor do que o faria uma longa exposição, a forma como o cinema italiano se tem desenvolvido, mesmo em pleno ambiente de guerra, por entre as dificuldades e as incertezas da hora actual. De tudo êle triunfa, numa corrida avassaladora. De facto, nunca o filme italiano, depois dos tempos já distantes em que se impunha ao mundo inteiro, atingira uma importância e um volume como o que de há três anos para cá vem fruindo. Roma e Turim, como outrora, no tempo da Cines e da Ambrósio assistem ao progressivo crescimento, há poucos anos de todo ainda insuspeitado, da indústria cinematográfica italiana.

Depois do caso italiano, e de muitos outros, quási acreditamos que o clima de Guerra tem uma repercussão favorável ao Cinema, aumentando-lhe as possibilidades e a importância.

Nos ESTADOS UNIDOS tudo se passa dentro da maior normalidade

Nos Estados Unidos, onde presentemente a indústria de guerra tudo domina e tudo absorve, o Cinema não acusou sequer a mais ligeira alteração no ritmo habitual do seu movimento. As preocupações actuais parecem não ter impressionado os grandes dirigentes do filme, que prosseguem na sua tarefa de fornecer celulóide, em que a vida foi milagrosamente fixada, as salas de projecção por êsse mundo fora.

Os seus programas de trabalho decorrem com aquela precisão e normalidade que têm sido sempre apanágio seu.

Apesar da diminuição sensível de mercados, mòrmente o do Velho Continente, que era para os produtores da Califórnia duma importância bem maior do que aquela que vulgarmente se supõe, nem menos um filme se deixou de fazer, nem menos um dólar se deixou de gastar por causa da atmosfera da hora presente.

PORTUGAL não pode fugir à regra

Em Portugal, nação que, mercê da política avisada, esclarecida, rectilínea do Chefe, é hoje uma excepção flagrante na tumultosa e desorientada Europa, também o Cinema, por mera coincidência ou por desejada determinação, acusa presentemente uma ânsia de engrandecimento como não há memória.

Nunca, como nestes últimos tempos, se produziu entre nós tão grande número de filmes; há muito tempo que se não presenciava uma tal actividade dentro do cinema nacional.

O problema primordial da produção contínua, único caminho para o triunfo duma cinematografia, acaba de encontrar em António Lopes Ribeiro, com a sua fé, o seu entusiasmo, a sua capacidade de realização, o homem capaz de o resolver, assentando essa continuidade em bases sólidas. Já êste ano se produziram, ao todo, 8 filmes da grande metragem: 1 da Lisboa Filme, 2 da Tobis, 2 da Prod. A. L. R. e 3 documentários oficiais (S. P. N. e Agência Geral das Colónias). O programa do ano que vem compreende, pelo menos, 10 grandes filmes: 5 da Prod. A. L. R., 3 da Tobis, 2 filmes oficiais. O acôrdo luso-brasileiro agora celebrado abriu novos horizontes. Estuda-se um acôrdo com a Espanha.

Portugal não foge à regra. A guerra, longe de dificultar o seu Cinema, desenvolve-o, chama para êle a atenção do Govêrno, dando-lhe possibilidades de despertar, um dia — a atenção do Mundo.

FÉLIX RIBEIRO

ALGUNS DOS FILMES QUE VAMOS VER ESTA TEMPORADA

DISTRIBUIDOS PELA COMPANHIA CINEMATOGRÁFICA DE PORTUGAL

A Companhia Cinematográfica de Portugal, uma das mais antigas casas distribuïdoras de filmes, vai apresentar esta época várias produções que estão destinadas a alcançar um êxito tão grande como os que conta nos filmes da sua já longa existência.

O público, hoje como ontem tem vários gostos. Há quem prefira dramas que sensibilizem e perturbem os sentidos, outros optam pelas comédias que os disponham bem e os divirtam fazendo-lhes esquecer as agruras da vida, outros ainda procuram com interêsse os filmes policiais, cheios de mistérios e situações imprevistas, ainda outra parte do público delira com as comédias musicais, com canções, bailados e muita música, e há os que adoram ver os grandes documentários de guerra, onde se patenteia o poder naval, militar e aéreo de grandes nações. Pois a Companhia Cinematográfica de Portugal possui explêndidos filmes em todos estes géneros. Procura assim satisfazer os desejos do público apresentando-lhes programas ao seu gôsto, e, os espectadores que sabem compreender esta atenção não faltam a êsses espectáculos.

Diziamos nós que a Companhia Cinematográfica de Portugal possui filmes para todos os gostos e vamos provar que não mentimos.

Uma grande comédia dramática

«A Mulher Desaparecida» (The Lady Vanishes) é um dos grandes filmes de Hollywood adquirido pela C. C. P. Margaret Lockwood, a grande actriz que os cinéfilos portugueses tanto apreciam, é a principal intérprete feminina ao lado da encantadora Cecile Parker (a da célebre Família Hardy), de Paul Lukas e M. Redgrave.

O elenco é já por si valioso, mas se acrescentarmos que êste filme foi realizado por Alfred Hitchcok que tantos sucessos conta no seu activo de director de filmes, dos quais uns dos mais recentes é «Correspondente de Guerra», ficam os leitores prevenidos de que «A Mulher Desaparecida» é um grande filme.

A história é baseada num dramático caso de espionagem, em que os principais personagens se encontram envolvidos, e é amenizada por cenas divertidíssimas que dispõem bem o público resultando um espectáculo bastante agradável. Pensem o que será o resultado do desaparecimento misterioso de uma passageira de um expresso trans-continental, tratado por Hitchcok.

Um sensacional filme de mistério

Os filmes de terror e mistério têm um público numeroso que ao saber da exibição de um filme dêsses acorre em massa à bilheteira para os ver.

«Os olhos velados de Londres» (Dark Eyes of London) é um filme dêsse género que vai entusiasmar o público.

Bella Lugosi, o intérprete ideal das personagens terrificantes é, neste filme, um médico sinistro que concebe um diabólico plano para enriquecer. Hugh Wiliams, Greta Gynt e Edmond Ryan completam com outros artistas o elenco dum dos mais impressionantes filmes de terror que foi dirigido por Walter Summers.

Duas notáveis comédias

«Dois «Azelhas» com sorte» (Jail Birds), é uma hilariante comédia cheia de *gags* e de situações dum cómico iressistível. Dois presos que se evadem e aos quais sucedem as peripécias mais absurdas e que ao regressarem à prisão são expulsos como indesejáveis.

Albert Burdon, Shann Glenville, C. Hawtrey e Charles Farrel, o célebre companheiro de Janet Gaynor na primeira «Hora Suprema» são os principais intérpretes desta espirituosa comédia que foi realizada por Oswald Mitchell.

A outra comédia intitula-se «Uma pequena de ideias» (A Girl With Ideas) e relata-nos a história de uma mulher que resolve dirigir um jornal que o destino coloca nas suas mãos.

Uma comédia moderna, viva, recheada de graça, de imprevisto e de ternura que tem Wendy Barrie e Walter Pidgeon nas primeiras figuras e K. Taylor e outros a secundá-los.

Três super-documentários de guerra

«A Grã-Bretanha em Guerra» já foi apresentado. O público que durante uma semana foi ao Coliseu assistir à sua exibição poderá dizer o valor dêste filme que é uma homenagem ao esfôrço gigantesco da Inglaterra em imagens verdadeiras que são admiráveis páginas da guerra actual.

«A Frente Marítima» é o segundo documentário de guerra. A Grã-Bretanha diante da ameaça do inimigo. O seu potencial de guerra. Os seus couraçados sulcam os oceanos e travam batalha na imensidade dos mares.

O terceiro documentário intitula-se «O alvo desta noite» e é o maior filme de guerra até hoje produzido sem intervenção dos estúdios. A R. A. F. em tôda a sua potência. Bombardeamentos, raids, etc. Um filme que é um hino de glorificação aos bravos aviadores britânicos.

Victor Mac Laglen num grande filme

Um dos maiores e mais categorizados actores de cinema num filme a seu jeito.

«Cautela com as louras!» (The Magnificent Brute) é um filme que vai entusiasmar os cinéfilos portugueses. Terão ocasião de ver um dos actores que mais admiram, interpretar uma personagem que foi imaginada para ser vivida por êle. Um filme pleno de acção que narra a aventura dum homem forte, poderoso, invencível, mas que se perde completamente ao avistar uma mulher... loura.

Binnie Barnes, William Hall e Jean Dixon são os outros intérpretes de «Cautela com as louras!» que foi dirigido por John C. Blystone.

Charlot num filme extraordinário

Reservamos propositadamente para o final desta resenha informativa uma notícia sensacional. A Companhia Cinematográfica de Portugal decidiu oferecer ao público português um valioso brinde. Nada mais, nada menos do que «OS PRIMEIROS PASSOS DE CHARLOT».

Charlot, o mais notável artista de cinema, num filme extraordinário.

Neste filme há passagens como estas:

«O que era Charlot há 30 anos! Os seus primeiros passos a caminho da fama. Filmes sonorizados do artista mímico que sempre detestou o cinema falado. Assunto completamente novo para a geração moderna e que os da «velha guarda» também se regozijarão de ver mais uma vez. Vale mais uma fita de Charlot que muitas outras de grande publicidade. Em cada metro há uma gargalhada do princípio ao fim. Charlot é o melhor remédio contra as depressões e tristezas. A melhor atracção de bilheteira de todos os tempos!»

Por tudo isto, e não é tudo o que esta casa distribuïdora possui para apresentar esta época, se pode ver o cuidado e atenção que a Companhia Cinematográfica de Portugal tem em bem servir o público português.

E. Z.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

COISAS INDISCRETAS

James Stewart está apaixonado por Ruth Hussey

James Stewart, que durante um ano vai estar afastado dos estúdios de Hollywood em virtude de ter sido chamado a prestar serviço no exército do seu país — já se encontra desde há meses em Moffett Field onde tem o pôsto de caporal — não deixa de todos os fins de semana freqüentar os centros de diversões da capital do cinema, já que a unidade a que pertence está instalada perto de Hollywood.

E o que mais está interessando os habitantes da famosa cidade é o seu novo romance com uma das suas mais simpáticas e formosas camaradas de estúdio. De facto, nem Olivia de Havilland, que foi um caso sério da sua vida sentimental, nem Ginger Rogers, de quem se dizia que era a sua maior paixão desde que chegou a Hollywood, já nada significam na vida do protagonista de «Peço a Palavra!». Hoje a sua mais que tudo é a insinuante Ruth Hussey, que não só não o larga um único momento quando êle vem a Hollywood, como mantém durante o resto do tempo uma correspondência aturada com o seu apaixonado.

Ruth Hussey, que por causa de James Stewart deixou o produtor Raphael Hakim, conheceu James quando trabalhavam ambos no filme «The Philadelphie Story».

Pelo rumo que as coisas levam, acredita-se em Hollywood que logo que James Stewart volte do seu serviço militar fará de Miss Hussey sua mulher. O que não deve deixar de arreliar muita menina bonita de Hollywood.

Jack Oakie e Linda Darnell são os intérpretes do filme da FOX «Rise and Shine» sôbre o «foot-ball» americano

Jack Oakie, o notável comediante de tão vincada personalidade, que hoje goza duma enorme popularidade e dum não menor prestígio junto dos meios orientadores do cinema americano, foi durante largos anos, quando a sua carreira decorreu nos estúdios da Paramount, um artista de modestos recursos, ou tomado como tal, que não conseguiu ter uma oportunidade para se evidenciar, de modo a impor o seu talento e as suas qualidades de actor cómico de boa têmpera.

Essa oportunidade no entanto chegou, ficando-a devendo a Chaplin, que lhe deu um dos primeiros papéis no seu último filme «The Dictator», o mais importante mesmo, depois do personagem que interpretava. De facto a sua actuação, pela forma como compôs a figura que na tela personifica, pela maneira como a exteriorizou e a viveu, levou a crítica a destacar o seu nome, de forma unânime. É evidente que andou ali o dedo de Chaplin; mas isso em nada invalida o valor real e a personalidade marcante de Oakie. Êste, aliás, é o primeiro a reconhecer a valia dessa interferência, quando afirmou em certa altura — «aprendi mais da minha profissão nos poucos meses que trabalhei ao lado de Chaplin, que nos vinte e tal anos que tenho de actor».

Jack Oakie, que esta época vimos já em «Melodia das Estrêlas», um filme que alcançou, facto absolutamente compreensível, um êxito excepcional e que entre nós interessou medianamente o público que o viu no Tivoli, o que também se compreende, pois tratava-se dum filme tìpicamente americano pelo seu assunto, elemento êste sem o menor significado para as gentes de outras latitudes, Oakie, dizíamos, acaba de interpretar para a 20th Century-Fox, a quem o liga um longo contrato, um novo filme, que se intitula «Rise and Shine», título que muito livremente se poderá traduzir em português por «Cresce e Aparece». O argumento, tirado do livro biográfico de James Fhurber, «My Life and Hard Times», em que aquele conhecido desportista relata o despontar de sua paixão pelo «foot-ball», de que foi figura grada, jogador dos mais populares e dos mais valorosos.



Linda Darnell

Jack Oakie terá neste filme, a primeira produção de Mark Hellinger para a emprêsa de Darryl Zanuck, como «partenaire» a formosa Linda Darnell, exemplo típico duma notoriedade criada à fôrça de uma campanha de publicidade inteligentemente ordenada e persistentemente seguida...

Bob Hope e Dorothy Lamour vão aparecer juntos de novo em «AMATEUR ADMIRAL» da Paramount

A chamada às fileiras de reservistas, levada a efeito recentemente nos Estados Unidos, fez, presentemente, canalizar para numerosos campos de manobras centenas e centenas de milhar de homens, tendo Hollywood contribuído com um numeroso contigente em que se destacam os nomes de James Stewart e do realizador Garson Kanin, afastados por um período de um ano do trabalho dos estúdios.

Essa disposição legal fez com que várias companhias produtoras se lançassem na produção de filmes em que tal assunto era focado sob os mais diversos aspectos, e de que é um exemplo o filme de Bud Abbott e Lou Costelo, que o Odéon agora exibe.

Outro filme do género, que alcançou igualmente êxito completo foi o que sob o título de «Caught in the Draft» interpretou Bob Hope, artista de grande público do outro lado do Atlântico e quási desconhecido entre nós, tendo nêle a formosa Dorothy Lamour por «leading-lady».

De novo êsse par vai interpretar outro filme que se intitula «Amateur Admiral», cuja acção como o título deixa antever, decorre na marinha de guerra. As filmagens deverão começar logo que Dorothy Lamour termine «Malaya» e interprete «Angel in Furs» e que Bob Hope, por sua vez, conclua «Luisiana Purchase», e interprete «Snowball in Hell».

Betty Field, Priscilla Lane, Jack Carson e Lloyd Nolan no filme da W. B. «NEW ORLEANS BLUES»

Betty Field, aquela rapariga que quási ninguém conhecia antes de Hal Roach ter deliberado fazê-la interpretar a primeira figura feminina de «As Mãos e a Morte», e que é hoje, mercê da sua notável actuação naquele filme, uma actriz de primeiro plano no meio cinematográfico americano é a intérprete do novo filme da Warner Bros «New Orleans Blues». O argumento conta as peripécias que sucedem a um grupo de amadores, apaixonados pelos ritmos da música que primitivamente se começou a ouvir nos Estados do Sul, quer nas docas de Nova Orleans, nos campos de algodão de Carolina do Sul ou nas ruas duvidosas de Memphis, e os quais por isso mesmo, resolvem organizar uma orquestra que, percorrendo o continente americano, revele ao público o ritmo embalador e sentimental dos «blues» em tôda a pureza. É o encontro dessa orquestra com um «gangster», o qual envolve nas suas maquinações os seus componentes, a base do conflito que serve de fundo à história do filme. Priscilla Lane, Jack Carson, Richard Whorf, Elia Kazan, Billy Halof, que foi um dos rapazes de «Ruas de Nova York», e Pete Witney, são os componentes da orquestra, Lloyd Nolan é o «gangster» e Betty Field a «Girl friend» dêste.

«Badlands of Dakota» da Universal, é um filme do OESTE com óptima interpretação

A Universal vem agora juntar mais um filme à lista inumerável dos «westerns», o qual tem a particularidade de contar na sua distribuïção um grupo numeroso de óptimos artistas. Intitula-se «Badlands of Dakota» e os seus intérpretes são Robert Stack, o novo galã, Ann Rutherford, que fugiu desta vez às impertinências de Handy para viver a vida aventurosa das pradarias imensas, Richard Dix, veterano da tela e sempre óptimo actor, a bela Frances Farmer, Broderick Crawford, um belo actor da nova geração, e os conhecidos Hugh Herbert sempre estravagante e impecável, Andy Devine e Lon Chaney Jor. O encenador Alfred E. Green, foi o realizador do filme.

«Blondie Goes to College» é o título do novo filme da COLUMBIA com a popular família

O facto de terem sido distribuídos a Penny Singleton papéis de primeiro plano em filmes da Columbia, de que temos dado na devida oportunidade, notícia aos nossos leitores, tem sido a razão porque não têm sido feitos filmes da família Blondie, que é sem dúvida, com a célebre gente do Juiz Hardy, a mais popular das famílias cinematográficas.

Miss Singleton, que terminou recentemente o filme «Go West Young Lady» uma sátira aos filmes do Oeste, com Glenn Ford, um novo e já prestigioso nome, Ann Miller, Charlie Ruggles e Allen Jenkins, vai retomar a lida de casa, interpretando com Arthur Lake e o pequeno Larry Simms o filme «Blondie goes to College», o décimo filme da série, que Frank R. Strayer dirige.

BIBLIOGRAFIA CINEMATOGRÁFICA

«LE CINÉMA» de Jean A. Keim

comentado por FERNANDO FRAGOSO

A bibliografia cinematográfica é muito escassa. São raras as obras, à roda do ano, que tratam de assuntos de cinema — entre os milhares de volumes e publicações que, no mesmo lapso de tempo, se editam no mundo inteiro. Depois de *Silence on tourne* e de *La Technique du Film*, cujo êxito deveria ter animado autores e editores a prosseguir em semelhante iniciativa, poucos livros surgiram, no mercado, a tentar os curiosos das coisas do cinema, pelo menos nas línguas que lhe são mais acessíveis.

«Le Cinéma», que Jean M. Keim escreveu para a colecção «La Joie de Connaître», apareceu recentemente nas montras das livrarias portuguesas. Foi editado em Paris, em fins de 1940 — e deve, portanto considerar-se como a mais recente obra sôbre cinema, saída dos prelos parisiences.

Escrito no jeito duma enciclopédia, destinada a iniciar os leigos na História, desenvolvimento, possibilidades, influência e tendências do cinema, o livro recem-aparecido foca alguns problemas da Indústria e da Arte, com comprovado bom senso, dentro dos limites de espaço, que lhe impõem uma certa superficialidade, na maneira de os tratar.

No entanto, capítulos há que merecem um comentário, pela forma como são postos em evidência certas verdades que se relacionam com o mundo das imagens.

O filme e o livro como meios de expressão e divulgação

«O cinema faz parte da nossa existência quotidiana». A primeira frase do texto — traduz um facto incontestável. O homem foi dotado de novos olhos, que lhe permitem devassar regiões e acontecimentos que até, há pouco, lhe eram vedados. A imagem animada opera o milagre. A câmara de filmar tornou-o possível. As suas lentes são os novos olhos da Humanidade dos nossos dias.

A fôrça persuasiva do cinema é superior à da palavra escrita, que apenas nos impressiona visualmente, diz Jean Keim — mas fica imóvel no papel. A música e a voz dirigem-se aos ouvidos.

E partindo desta verdade, êle entende ser uma bizarria utilizar um livro para dizer o que é o cinema, uma vez que um filme substituiria com vantagem todos os volumes que sôbre o assunto se possam publicar.

«Admitindo a hipótese que êsse filme existiria, nem tôda a gente possuiria o aparelho de projecção para se documentar com facilidade». Dêste modo, é preciso utilizar ainda o processo de Guntenberg, para atingir tal fim».

O filme e o livro como meio de expressão e divulgação apresentam esta diferença fundamental. Para que o homem tome conhecimento do primeiro, tem que lançar mão de custosas e complicadas aparelhagens.

Apesar de tudo «pela importância que adquiriu, na vida moderna — o cinema tem uma importância incontestável sôbre a nossa maneira de viver e de pensar».

Como nasceu o Cinema?

Quem inventou o cinema? Os franceses apresentam um candidato — Lumière. Os americanos, outro — Edison. Os alemães e os ingleses reinvidicam, para compatriotas seus, a autoria da descoberta — ou, pelo menos, das experiências e aparelhagens que a tornaram possível.

Jean Keim põe o problema com incontestável bom senso, depois de criticar o facto dos próprios franceses estarem divididos sôbre êste aspecto histórico — que data de há meio século...

«A invenção do cinema foi possível graças aos trabalhos de inúmeras pessoas que buscaram a solução. A ideia andava no ar, muitos aproximaram-se do fim. Mas deve-se aos irmãos Lumière, e, sobretudo, a Luis Lumière, o aparelho que, pela primeira vez, realizou a análise e a síntese do movimento, e bem assim a projecção sôbre um «écran», com uma perfeição notável, e com as condições de rendimento, que, até aí, não haviam sido atingidas».

Charles Pathé, em Março dêste ano, quando passou em Lisboa, a caminho da América, declarou-nos, a propósito:

— Edison foi o primeiro a conseguir a imagem animada. Mas os irmãos Lumière tornaram-na acessível às multidões!

Esta frase, na bôca do homem que foi um dos mais esforçados pioneiros da indústria, e que assistiu ao nascimento do cinema na sessão memorável das caves do Grand-Café, tem um valor e um significado incontestáveis.

O cinema profissional e o cinema de amadores

A despeito do progresso do cinema sonoro, em 1938 havia no mundo inteiro 20.000 salas para exibição de filmes mudos. Jean Keim pensa que o cinema pedagógico não necessitará na maioria dos casos de lançar mão do sonoro, que encarece a produção dêsses filmes. O professor poderá substituir o locutor, com vantagem, em frequentes circunstâncias.

Por outro lado, o cinema de amadores utilizará, por muito tempo ainda, como forma de expressão, o cinema silencioso. E a propósito o autor acrescenta:

Enquanto o manejo e a técnica das aparelhagens dos profissionais se complica constantemente, em conseqüência de novos aperfeiçoamentos, as câmaras de formato reduzido, simplificam-se cada vez mais, e facilitam a tarefa daqueles que pretendem utilizá-las.

«O velho album de família sôbre o qual se colocavam cuidadosamente as fotografias — será substituído no futuro, por uma cinemateca.

Em Portugal, sabemos de várias pessoas que têm a imagem dos filhos, desde que nasceram até à idade presente, gravada no celulóide, numa evocação sugestiva e adorável!

Influência do Cinema

O homem é mais sensível, em regra, às impressões visuais do que às auditivas A luz é mais veloz do que o som! Este «veloz» tem também um significado de «percepção», de «assimilação», de entendimento. Napoleão dizia «Um pequeno esbôço diz-me mais do que um grande relatório». Citando a frase do famoso corso, Jean Keim acrescenta:

«O filme *(em relação aos jornais ilustrados)* conta com mais um elemento de sugestão: a «representação» dinâmica, as imagens animadas: as personagens com movimento. As aventuras que se desenvolvem na tela não o podem deixar indiferente.

Esta nova fórmula de expressão age com tanto mais intensidade quanto é certo de que se não dirige a cada homem, de per si, mas à multidão reunida numa sala. A psicologia ensina-nos que os aglomerados são muito mais sensíveis que as pessoas isoladas. Além disso, o espectador mergulhado na obscuridade não se sente na obrigação de esconder as suas reacções e pode dar livre curso às excitações que o emocionaram.

A lei psicológica da sensibilidade das multidões traduz-se no facto tantas vezes comprovado do riso ser «contagioso». Quatro ou cinco pessoas numa sala, ante um filme cómico, não riem. Ou riem pouco Se a sala estiver cheia, fazem côro com as gargalhadas.

O cinema tem uma influência incontestável sôbre a nossa vida exterior e a nossa mentalidade, sôbre a moral e os costumes. Daí ser controlado por vários censores, quer no país de origem, quer nos mercados a que se destinam. Trinta milhões de espectadores sentam-se tôdas as noites, ante a tela branca, para assistir ao seu espectáculo favorito. E uma das suas grandes fôrças reside no facto do filme que emocionou a população da maior metrópole do globo se exibir em idênticas condições de rendimento do espectáculo, na mais ínfima e recondita aldeia, desde que disponha duma sala e dum aparelho de projecção.

O Cinema e a Arte

O capítulo o «Cinema e a Arte» é, sem dúvida, um dos mais notáveis do volumesinho de que estamos tratando. Jean Keim repete a afirmação ainda corrente «de que o cinema não é uma Arte». As pessoas que assim pensam, agarram-se ao facto de se contarem mais produções medíocres do que boas... O autor diz, e com razão, que por essa teoria a Música e a Literatura também não poderiam ser consideradas como Artes. Pois, ao lado dos quadros de Greco e das obras-primas em letra redonda, contam-se muito mais telas inferiores e uma percentagem esmagadora de obras falhadas.

«O filme é fruto dum trabalho colectivo sob a direcção dum *metteur-en-scène* encarregado de filmar um argumento planificado, mas enquanto que, no Teatro, basta que os actores representem, no estúdio é preciso registar as imagens e as palavras sôbre a película e esta operação exige um material considerável. Se a parte técnica da produção falhar, todos os esforços serão vãos. Verdade seja que a Arquitectura lança mão, também, de múltiplos técnicos e operários de todos os ramos da construção. Mas a comparação não colhe, na realidade. Quando se constrói uma casa, utilizam-se apenas materiais inertes; quando se constrói um filme, é com cenas interpretados por homens que o trabalho se efectua».

E, mais adiante, Jean Keim depois de focar o problema industrial, ligado ao aspecto artístico, e a conseqüente necessidade de produzir ao gôsto das massas escreve: «um quadro reclama um comprador; uma peça de teatro, um público restrito; um livro, uma legião de leitores; um filme a aprovação de milhões de indivíduos».

«Não há razão para nos queixarmos da qualidade dos filmes projectados nas salas. Pelo contrário, deveríamos sòmente admirar-nos de que êles por vezes resultem!»

René Clair disse, um dia: «Gostaria de saber como se teria desenvolvido o génio dum Wagner, dum Shakespeare ou dum Cezanne, se cada uma das suas obras dependesse do julgamento, sem apêlo, de alguns milhões dos seus contemporâneos, no momento em que fôssem criados».

Missão do Cinema

Passemos sôbre «As diversas Tendências Artísticas do Cinema», quanto a nós a parte menos valiosa e mais incompleta do livro de Jean Keim. Com efeito, no cinema inglês, não vai além de *Henrique VIII*. No cinema italiano, há apenas uma referência, de oito linhas, a *Cabiria*, *Christus* e *Julio Cesar*. O cinema americano, de Stiller e Sjöstron, de Garbo e Lars Hansen, é evocado, em breves palavras. O cinema alemão, tratado um pouco por alto, é, contudo aquele que encerra notas mais actuais, uma vez que se refere já às *Olimpíadas*, de Leni Riefenstahl, por ventura

(Continua na pág. 27)

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«ARIZONA» (Filmes Castelo Lopes)
- A qualidade técnica da encenação, dirigida por WESLEY RUGGLES, especialmente a fotografia de JOSEPH WALKER.
- O vigor e o movimento de certas cenas, como o ataque aos carros, a perseguição da manada, o casamento na praça pública, etc.

«O MAJOR TRENCK» (Portugal Filmes)
- HANS ALBERS pela vivacidade e entusiasmo que soube dar à personagem de Trenck do Pandur.
- A interpretação de KÄTHE DORSCH (Imperatriz Maria Luiza).
- O trabalho de todos os técnicos para a realização do filme.

«PATRULHA DE ÁGUIAS» (M. G. M.)
- A solução do conflito.
- A direcção e interpretação, respectivamente de FRANK BORZAGE e dum «cast» chefiado por ROBERT TAYLOR (Pensacola), RUTH HUSSEY (Lorna) e WALTER PIDGEON (Com. Gary).

«UMA NOITE NO RIO» (Fox Filmes)
- CARMEN MIRANDA, a sua vivacidade, a sua «classe» de artista, o seu «portuguesismo».
- O correctíssimo português em que DON AMECHE canta uma canção, e a forma como interpreta o seu duplo papel.
- O brilho, a garridice e o múltiplo interêsse do espectáculo, devidos especialmente:
  - ao encenador IRVING CUMMINGS
  - aos operadores LEON SHAMROY e RAY RENNAHAN e à colorista NATHALIE KALMUS
  - ao decorador RICHARD DAY
  - aos compositores MACK GORDON e HARRY WARREN e a ALFRED NEWMAN, pela sua direcção musical
  - aos autores e planificadores do argumento.

«UMA NOITE NO RIO»

(That night in Rio)

Não há razão alguma para que «Uma Noite no Rio» faça menos êxito do que «Sinfonia dos Trópicos» — e pela temperatura que a bilheteira do Tivoli tem registado desde segunda-feira passada, é de crer que de facto não fique atrás da sua garrida antecessora. «Uma noite no Rio» é, na realidade, espectáculo tão agradável, tão vistoso, tão divertido e tão denso como «Sinfonia dos Trópicos», com quem sustenta galhardamente a comparação inevitável. Estas palavras bastariam para elucidar os seus espectadores «em potência». Mas parece-nos preferível justificar a opinião.

Para começar direi que Carmen Miranda constitui o principal atractivo da película, apesar de tudo o mais. É que a nossa compatriota tem desta vez muito maior intervenção — da qual sai plenamente vitoriosa. Carmen representa — e bem; fala português pelos cotovelos, com o agradável sotaque carioca; e canta magistralmente as suas «mòdinhas». A forma como interpreta a canção cujo *refrain* começa com um «Ai, ai, ai, ai!» cheio de malícia — é absolutamente notável. A avaliar pela sua interpretação neste filme, Carmen Miranda tem o seu futuro assegurado em Hollywood, graças à sua vivacidade, ao seu talento de cançonetista e principalmente à sua personalidade — que é especìficamente portuguesa. De facto, dá gôsto ver como o seu portuguesismo sobrenada aos arrebiques brasileiros, desde o sotaque aos extravagantes turbantes baianos.

A história do filme — de excelente comédia — é já nossa conhecida pois é a mesma daquela óptima película de Maurice Chevalier, que Marcel Achard dirigiu e que vimos em 1935: «Folies Bergère», no qual aparecia a aristocrática Nathalie Paley, princesa russa casada com o costureiro parisiense Lucien Lelong. Significa isto que os dois filmes se basearam na peça alemã (ou húngara, ou coisa que a valha) de Rudolph Lothar e Hans Adler, que Jessie Ernst adaptou e outros planificaram. De qualquer forma, o argumento é esplêndido e diverte a valer o público, que o não reconhece — o que não é para admirar, passados tantos anos e modificado tão profundamente o ambiente: o Rio de Janeiro em lugar de Paris, Carmen Miranda em vez de Maurice Chevalier e do seu «palhinhas»!

Don Ameche interpreta muito bem o duplo papel do «Barão Manuel Duarte» e do seu sósia o cantor americano «Larry Martin». E merece tôda a nossa simpatia pelo correctíssimo português em que pronuncia a canção «Encontraram-se no Rio» («They met in Rio»). Alice Faye tem um papel mais apagado, mas aparece linda, muito bem vestida e canta admiràvelmente (saberá ela, aliás, cantar doutra maneira?) a canção «Boa Noite», de Mack Gordon e Harry Warren, magnífica, como tôdas as outras e tôda a música, escritas também pelos mesmos compositores. A direcção musical foi assegurada pelo competentíssimo Alfred Newman.

A encenação, que Irving Cummings dirigiu, é de grande categoria, em especial pela colaboração dos decoradores, chefiados por Richard Day — um dos melhores *art directores* de Hollywood —, e do sector tomada de vistas, ao qual se deve o admirável colorido do filme, que é em estilo diferente do de «Sinfonia dos Trópicos», e que se deve aos operadores Leon Shamroy e Ray Rennahan e à competência de Nathalie Kalmus.

Resta falar dos actores secundários, todos bons, pelo que também contribuem para o êxito do filme; são êles os alemães S. Z. Sakal e Curt Bois, J. Carroll Naish e o engraçado Leonid Kinskey, que já se fizera notar na «Sinfonia dos Trópicos».

Óptimo filme, em resumo, no seu género, que constitui um magnífico espectáculo, assás valorizado ainda por cima pelos complementos do programa, todos de primeira ordem. — D. M.

«PATRULHA DE ÁGUIAS»

(Flight Command)

A Aviação tem sido e será fonte inesgotável de assuntos para o Cinema. Tema que é quási um símbolo da nossa época só pode ser dramatizado completamente em tôda a extensão das suas manifestações e conflitos pelo Cinema, dado que no Teatro não poderiam ver-se mais do que as reacções de aviadores pois era impossível seguir a Aviação no seu momento absoluto: o vôo. Duas são as linhas principais porque têm seguido os filmes que são pròpriamente de Aviação: nuns domina o vôo pròpriamente dito, noutros a sensibilidade especial da gente de Aviação, sensibilidade especial e vincada porque para além da profissão existe entre os aviadores uma mística, uma religião que é a resultante primeiro de quem vive um domínio novo, segundo, de quem tantas vezes morre por um sôpro ou, se não morre, vê sempre — oh isso vê com certeza! — morrer com um sôpro.

Para além da deformação profissional que dá características próprias ao aviador, como dá ao médico, ao marinheiro, ao professor, ao mecânico, etc., o aviador tem a formação religiosa que fez o aviador tão diferente dos outros homens como, qualquer que seja o seu partido ou profissão o católico é diferente do protestante, êste do maometano e todos do ateu.

Aliás só grandes místicas inspiram epopeias e a literatura de aviação com Saint-Ex, com Kessel, já tem algumas páginas de grande e imorredoira epopeia.

Foi exactamente dum grande livro de Saint-Exupery que Hollywood tirou o «Vôo Nocturno» — tipo de fita da primeira linha, do conflito do homem com os elementos para voar. Anos mais tarde a segunda linha teve o seu modêlo de fita com «Herois de Hoje» — «Test Pilot» — onde os perigos de voar não eram os fundamentais e só adquiriam tremendo valor para carregar o conflito psicológico daquela mulher que em cada ronco de avião vê a Morte, do aviador mais arriscado entre todos os aviadores cujo grande noivado é voar e, até, do complexo daquela dedicação — do mecânico que sacrifica voluntàriamente a vida para salvar o «seu» piloto.

Entre uma e outra fita estão tôdas as outras que focaram a Aviação e ainda as de aventuras e também as de guerra que são, geralmente, uma variante destas.

A «Patrulha de Águias» está situada mais perto da segunda linha. É mais conflito psicológico do que aviação, embora bem apoiada, por vezes, até excessivamente de documentário de aviação. O próprio conflito psicológico não é pròpriamente de aviadores. É no fundo uma localização nova do problema marido atarefado — mulher tentada. A evolução da história, porém, é bastante corrente, normal, certa e, chamemos-lhe assim, moral.

Frank Borzage, que realizou, não comprometeu em nada os seus créditos, pelo grande acêrto que soube imprimir a esta produção corrente. O seu trabalho e a interpretação correctíssima dum grupo de actores entre os quais Walter Pidgeon, Robert Taylor e Ruth Hussey, transformam esta produção corrente dos estúdios de Hollywood numa fita que se vê com um agrado digno de se salientar — F. G.

«ARIZONA»

(Arizona)

Fui ver «Arizona» na espectativa mais favorável: sabia que a crítica americana distinguira êste filme com quatro estrêlas. Talvez por êsse motivo, a produção, em que a Columbia empenhou mais recursos ultimamente desiludiu-me. Vistas bem as coisas, apenas um aspecto me desiludiu em «Arizona» — o seu argumento. Está nele, de facto, o verdadeiro ponto fraco do filme. Claude Bynion não soube adaptar ao cinema a novela de Clarence Budingston Kelland, não soube «arranjá-la» em função das necessidades

(Conclui na pág. 28)

"O Correio de Bel-Tenebroso"

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1306 — CINÉFILO APAIXONADO. — Tomei conhecimento da tua ficha antropométrica. Deves ser um rapaz muito elegante e, daí, não me surpreende o teu pseudónimo. — Betty Grable nasceu em 18 de Dezembro de 1916. — A Administração enviar-te-á, à cobrança, os números que te faltam na colecção. As separatas fazem parte dos números respectivos. Não se vendem separadamente.

1307 — ROBERTO *(Lisboa)*. — A tua sugestão relativa à publicação das fotos e biografias dos artistas «secundários» já não tem razão de ser uma vez que já dedicámos a Donald Meek, Charles Winninger e Frank Morgan. Brevemente, trataremos dos secundários... femininos.

1308 — SERRANA. — Como viste, não vale a pena desesperar, quando as respostas não aparecem. Mais tarde ou mais cedo elas são inevitáveis. — O protagonista de *Expiação sem crime* foi Edward G. Robinson. Era um bom filme, pelo qual o público não se interessou. Espero novas cartas tuas.

1309 — I LOVE YOU HELEN *(Lisboa)*. — A teoria do espaço vital, aplicada ao «Correio de Bel-Tenebroso» não deixaria por certo de surtir efeitos. Na última semana conseguimos arrumar as mobílias do Alcobia noutro sítio. E isso já desafogou a secção um pouco mais. — A Frances Langford pode aparecer em dois elencos. É vulgar os artistas fazerem acôrdos com duas firmas e figurarem, dêsse modo, em dois elencos. — Registo que Julieta Casanova, que foi para Hollywood, está contratada como «extra». Se ela tiver talento, podes estar certo de que triunfará. — O pormenor referente à forma como Madalena Sotto entrou para o Cinema está absolutamente certo.

1310 — CASANOVA. — O teu pseudónimo fica devidamente registado. — *Rebecca* não foi incluído nos candidatos ao melhor de 1940, porque foi estreado em Janeiro de 1941. Êste ano, sim, será candidatado. — Êste leitor gostaria de se cartear com leitoras da nossa revista. — Obrigado pelos teus bons votos para a nossa revista.

1311 — REY... SEM TRONO. — Acho muito bem que admires a Garbo como a maior vedeta da tela. É difícil dizer qual é, de facto, a maior. Mas não resta dúvida de que a Garbo é enorme e excepcional! — A Ginger não se casou ainda com o John Arnold. Nem sequer nas fitas... — Transmito as tuas saudações a *Lady Enigma*.

1312 — PERNAMBUCANO SONHADOR. — Que pseudónimo tão... «pernambucano»... — Alguns dos melhores filmes de Dorothy Lamour: *Princesa da Selva, Paixão Selvagem, Feitiço dos Trópicos, Fúria do Oiro Negro, Lôbos do Norte, Furacão, O filho também roubou*, etc. — O melhor filme exibido em Portugal, em 1940, segundo o «referendum» do *Animatógrafo*, foi *O Monte dos Vendavais*. — *Escreve em* português à Hedy Lamarr, para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1313 — GAROTA ENDIABRADA, MAS ADMIRÁVEL. — Respondo àquele postal em que me preguntas porque motivo te não respondi. Como já sabes a resposta, nem vale a pena insistir. E como não quererás desmentir, por certo, a personalidade da segunda fase do teu pseudónimo estou certo de que não ficarás zangada comigo.

1314 — SWING CINÉFILO. — Na minha modesta opinião, o grande mérito de *Tufão* era a Dorothy e o seu «sarong»... Quanto ao resto, nem é bom falar. Havia um certo submarino de lata, que fazia calafrios no pino do verão... — *Swing Cinéfilo* deseja trocar correspondência com leitoras e leitores da nossa revista.

1315 — AMIGO N.° 1 DO «ANIMATÓGRAFO» *(Pôrto)*. — O documentário, de Manuel de Oliveira, *Famalicão*, tinha uma expressão cinematográfica muito curiosa. Gostei de ver *Miramar, praia das Rosas*, também realizado por êle. — De facto quando disse que *O Homem que eu matei* tinha como principal vedeta feminina a Silvia Sidney, estava a sonhar. O papel em questão foi interpretado, de facto, pela Nancy Carroll.

1316 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)*. — Loretta Young nasceu a 6 de Janeiro de 1913, em Salt Lake City. — Alguns filmes de Myrna Loy: *O Inimigo Público n.° 1, Os Homens da Blusa Branca, O Homem Sombra, A Comédia dos Acusados, Heróis de Hoje, A Mulher das Perolas, Nick & Espôsa Detectives, Dois e dois quatro, A Secretária de meu marido, O Grande Ziegfeld*, etc., etc. Êste ano vamos vê-la em *Casada com ninguém*, com Melvyn Douglas, e em *O Esquecido*, com William Powell. — Betty Grable nasceu a 18 de Dezembro de 1916, em Kansas City. — Êste leitor cumprimenta *Antinea I e II, Brunhilde, Balalaika, Donalda* e *Duas Alentejanas Intimas*.

1317 — MICKEY ROONETE *(Aveiro)*. — Respondo, duma assentada, a três cartas tuas, que chegaram, no mesmo dia à minha mão, embora escritas com datas diferentes. — Maria Domingas costuma enviar fotos aos admiradores. A carta do teu colega, que foi endereçada para o S. Luís Cine, foi-lhe entregue. — A Maureen O'Sullivan é casada. — O costume de certas platéias populares de sublinharem as cenas de amor com assobios e outros comentários de mau gôsto, é manifesta falta de educação, civismo e cultura. Eu não condeno tanto aqueles que «pretendem» ter graça, como a graça que os outros acham a essas piadas condenáveis. No dia que o «aplauso» se não ouvir, terá diminuído o número dos «graciosos»... — Êste leitor saúda *Dinhamá, Garota de Lisboa, Benjamina, Flor dos Alpes*, etc.

1318 — LEVADO DA BRECA *(Lisboa)*. A Lamour, de facto, anda a passear muito com o Greg Bautzer. Mas daí a ser mulher dêle, vai um mundo... Em Hollywood, é mais fácil «parecer» do que «ser»... — calculo bem a falta de paciência que terás ante a impossível demora destas respostas. Mas conforma-te, que eu procuro fazer o mesmo. — Tomo nota de que admiras John Boles, que é o meu «inimigo público n.° 1». Compreendo, que tu o admires, justamente para que me caiba o direito de o detestar...

1319 — PRINCESA DA SELVA *(Lisboa)*. — Entre os filmes da Deanna e os da Judy, opto por aqueles que forem melhores. Entre a Judy e a Deanna, talvez prefira a primeira. — Ruth Hussey não tem vinte anos mas também não tem quarenta. — O «Coração de Elefante» não me tem escrito ùltimamente. Pelo preço que o coração de vaca atingiu nos talhos, é de crer que êle se tenha desfeito dêle, para fazer fortuna... Se a gente come carne de cavalo, por vitela, porque motivo não havemos de comer coração de elefante, por coração de boi?... De mais quem não vê caras, não vê corações...

1320 — OSWALDO DE SÁ. — A tua matemática (jogando com os três elementos: cartas, datas e respostas) deve estar certa. Mas, meu amigo, a única regra verdadeira que rege esta correspondência é a seguinte: tôda a carta tem resposta, e esta aparece sempre! É uma questão de tempo! — A cena que me descreves (a câmara que se desloca dum 8.° para um sexto andar, até entrar dentro dêste) pode fazer-se por todos os processos, menos pelo da «truca». Ou melhor: ainda que fôsse possível, não era êsse o que se usava. Mas eu não te posso explicar quais as fórmulas que se adoptariam, porque levariam muito tempo e espaço, de que não disponho. — Não há tratado algum sôbre planificação. No entanto, em *Silence, ou tourne*, há um capítulo que te pode elucidar, até certo ponto. Mas é mais para os iniciados, do que para os leigos.

1321 — MISTER MOTTO. — Joan Fontaine nasceu a 22 de Outubro de 1917. Por tal sinal, não sei se sabes que viu a luz do dia em Tóquio. Laurence Olivier veio ao mundo em 22 de Maio de 1907. — Escreve à Gloria Jean: Universal Studios, Universal City. Hollywoood, Califórnia. — Também gostei muito de *Rebecca*.

(Conclui na pág. 28)

MARLÈNE ganhou a taça do «SEX-APPEAL»!

Lana TURNER e Ann SHERIDAN ficaram em 2.° e 3.° lugares


Marlène Dietrich

Por volta de 1928, a escritora americana Anita Loos — cujo nome andava também intimamente ligado aos sectores cinematográficos, pois numerosos foram os argumentos seus, adaptados à tela — revolucionava o continente americano com o seu célebre livro «Gentlemen prefer Blondes», que provocou, como se calculava, para mais num país como a América, as mais renhidas controvérsias e as mais discutidas opiniões dos que aprovavam e daqueles que discordavam com a tese atrevida da autora de que as


Ann Sheridan

loiras eram as mulheres por quem os homens mais se apaixonavam, quer pelo seu natural encanto e qualidades emotivas, quer pelos irresistíveis dons de atracção das portadoras de cabelo loiro.

Tais proporções o caso tomou que um certo Dr. Martin, tentando esclarecer o problema da emotividade das morenas e das loiras resolveu tirar o caso a limpo.

Para isso certa noite, em presença de luzida assembleia e por entre complicada aparelhagem, tomaram lugar na platéia do Embassy Theatre de Nova York um representante de cada um dos partidos, em luta de rivalidade — as loiras e as morenas. Como elemento de prova exibiraam-se várias cenas do «Diabo e a Carne», das mais sugestivas e ousadas que Greta Garbo e John Gilbert viviam nesse filme.

Feitas as provas com tão mágico e transcendente aparelho, ficou-se em presença dum facto deveras embaraçoso para as loiras americanas. Enquanto a morena Claudia Dell, demonstrando cabalmente que se tinha comovido e emocionado com a personagem amorosa que preenciara no écran, marcava no cilindro registador do oscilógrafo cinqüenta e oito pontos, a outra, a loira Jane Ackermann, certamente mais disprendida e menos susceptível, dificilmente alcançava uns míseros 48 pontos.

Foi daí talvez que Anita Loos, para dar justa compensação ao orgulho ferido das raparigas morenas do seu país, se viu obrigada a publicar um segundo volume, espécie de apêndice à sua outra obra, com o tranquilizador título de «But They Married the Brunettes». Os homens preferiam as loiras, na verdade, mas por fim, depois de bem vistas as coisas, casavam-se com as morenas...

Isto passou-se há mais de doze anos.

Pois agora, um outro cientista do país dos automóveis e dos *10 cents stores*, o psiquiatra Joseph Catton, professor da Universidade de Stanford, na Califórnia, veio pedir ao cinema, melhor às veras efígies de algumas vedetas famosas, colaboração para a demonstração prática de uma sua teoria, de aspecto quási revolucionário. Para êsse homem, parece que figura eminente da ciência do seu país, o «sex-appeal» duma mulher, essa estranha, indefinível e aliciante sensação, é uma coisa perfeita e rigorosamente determinável, tanto quando o pode ser a velocidade máxima dum avião estratosférico, a fôrça exacta dum motor, ou a duração duma pastilha *chewing-gum*.

Foi o resultado de aturadas experiências que realizou que lhe permitiram estabelecer uma tabela em que figuravam os nomes de estrêlas célebres e o seu res-


Lana Turner

pectivo índice de *sex-appeal*, de *it*, de *glamour* ou até mesmo de *oomph* que delas irradia.

Para isso o Prof. Catton utilizou nada menos de vinte estudantes da Universidade de San Francisco, a quem formulou certas preguntas e sugeriu determinados factos que não queremos deixar de dar a conhecer aos nossos leitores que poderão, assim, fazer uma ideia e avaliar do rigor, da importância e da *portée* sob o aspecto prático, da experiência.

Primeiro que tudo cada estudante, um por um, estava ligado a aparelhos medidores da freqüência do pulso, da pressão sanguínea e do número de movimentos respiratórios. Imediatamente a seguir o Dr. Catton mostrava ao paciente a fotografia de determinada actriz, Lana Turner, por exemplo. O rapaz reagia, e os instrumentos mediam. Seguia-se o mesmo ritual, desta vez com o retrato de Marlene, e depois com Ann Sheridan, Heddy Lamarr, Greta Garbo, enfim com as mais proeminentes «tentadoras» da tela. Estabelecia-se assim, com o resultado observado nessas duas dezenas de rapazes, uma escala, não diremos de valores, mas de irradiadoras de *sex-appeal*.

Mas isto, claro, no espírito do experimentador não era o bastante para provar a eficiência e a segurança do método, valiosíssimo como estão vendo, do mestre. Assim para complemento decisivo da experiência, êle dirigia aos seus complacentes discípulos uma série de sugestões com o pedido formal de seguirem com o maior poder de convicção e de concentração que lhes fôsse possível.

Ei-las: 1.° — O senhor e Miss Sheridan encontram-se pela primeira vez numa mesma sala. 2.° — Você está numa sala com outros homens; nisto Ann Sheridan entra e escolhe-o para lhe fazer companhia. 3.° — Ela e você jantam juntos. 4.° — Cavalgam lado a lado, numa noite de luar. 5.° — Tem-na nos braços e dança com ela, ao som de música dolente e embaladora. 6.° — Vai deixá-la a casa e beija-a à despedida.

Depois dêste decisivo e irresistível «test» feito a tôda a rapaziada, com tôdas as vedetas em causa o Prof. Catton, depois de complicados e operosos cálculos, chegou às seguintes conclusões: à frente do grupo que mais impressionou os rapazes está Marlene Dietrich, com noventa por cento de «poder de atracção», depois Lana Turner com 86 % e Ann Sheridan com 80 por cento.

As surprêsas da experiência foram dadas por Heddy Lamarr, com 72 por cento e por Greta Garbo, com a ridicularia de 37 por cento de *manpower!*

M. R.

«LE CINÉMA» de Jean A. Keim

(Conclusão da pág. 23)

a obra mais bela, saída nos últimos anos, dos estúdios germânicos.

Mas, repetimos, êste capítulo de *Le Cinéma*, não tem um interêsse por aí além. Para encerrar êste comentário, sôbre a obra que vimos analizando, não queremos deixar de traduzir a última página, que é por assim dizer a apoteose ao cinema, espectáculo e realidade dos nossos dias!

«A 28 de Dezembro de 1895, no sub-solo do Grand Café, 18, Boulevard des Capucines, os irmãos Lumière apresentaram o primeiro espectáculo cinematográfico. A receita cifrou-se em 35 francos. Hoje, 90.000 cinemas, no mundo inteiro, são freqüentados, tôdas as semanas, por 225 milhões de espectadores. A receita diária de tôdas as salas ultrapassa 150 milhões de escudos. 600.000 quilómetros de filmes (15 vezes a circunferência da terra) são utilizados, anualmente. Mais de 120 biliões de escudos representam o capital das emprêsas cinematográficas, que empregam 500.000 pessoas. Criou-se assim, uma indústria mundial, de múltiplas sub-divisões, e que se desenvolve, de dia para dia, graças à abertura de novos mercados e à aplicação de novos processos técnicos. Dentro em breve, a fabricação de aparelhos mais simples e menos caros permitirá dotar cada aldeia com um cinema não só nos países chamados «civilizados», como ainda nos rincões onde as imagens-animadas-que-falam são ainda uma raridade.

«Nenhum domínio se fecha à actividade do cinema, porque reproduz a obra de imaginação, regista o documento e a actualidade, oferece às investigações científicas um auxílio precioso, acreditou-se como complemento de ensino e pôs à disposição da propaganda um meio de difusão poderoso. Tornou acessíveis a todos, as distracções, até agora reservadas a maiorias, dando à humanidade a possibilidade de experimentar alegrias novas e de melhor conhecer o mundo e os Homens. Desenvolvendo e difundindo a cultura, colocando-se ao serviço das causas justas e das ideias sãs, o cinema deve contribuir para a felicidade do mundo. Mas quanto ao cinema o homem encontra-se em situação idêntica àquela que disfruta perante os meios de que dispõe para agir sôbre o seu semelhante. As palavras de Esopo, em relação à linguagem — que êle considerava a melhor e a pior de tôdas as coisas — aplicam-se neste caso: o filme é um veículo cego, para o bem e para o mal. O cinema será aquilo que os Homens dêle fizerem!»

O Correio de Bel Tenebroso

(Conclusão da pág.

1322 — PERIQUITA RAIVOSA *(Lisboa)*. — Tomo nota de que nasceste um ano e três dias antes do Freddie Bartholomew. Três dias e um ano, que espantosa coincidência! — Tyrone Power nasceu a 5 de Maio de 1914. O mundo ficou de tal modo perturbado com o acontecimento, que, poucos meses depois, embrulhava-se à pancada...

1323 — ETERNA GAROTA. — Não vejo motivo por que mudes de pseudónimo. — Muito simpática a carta que recebeste da Eleanor Powell, acompanhada pela foto dedicada da referida artista. Pelo que ela te dizia, ficamos sabendo que esteve doente, numa casa de saúde, e que essa forçada inactividade foi compensada pelo facto de, através do seu correio, saber que tantos amigos (friends) continuavam a pensar nela. Eleanor já está de perfeita saúde, como ela dizia esperar. e filmou depois disso, *Lady be good*, que lhe valeu um êxito magnífico. — Esta leitora acede gostosamente a corresponder-se com Bob Taylor.

1234 — MEGAVLES *(Guarda)*. — O teu pseudónimo é estranho. Se querias pôr «selvagem» ao contrário, porque não adoptaste o pseudónimo de «civilizado». Tinha um antagonismo menos complicado... — O precalço sucedido com o número de *Animatógrafo* que recebeste é raro. Foi um acidente dos correios pela certa. Há dias, recebi umas revistas de Espanha, que pareciam ter caído num pote de azeite...

1235 — MARCO POLO II — Jean Rogers nasceu em Belmont (Massachussets), a 25 de Março de 1916. — Podes escrever-lhe para a 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. Ignoro se, na presente temporada, veremos algum filme da veđeta dos teus cuidados... — Como já há um consulente com o pseudónimo de *Marco Polo*, peço-te o favor de arranjares outro, para evitar confusões.

1236 — I LOVE LIDIA *(Pôrto)*. — Estavas a sonhar pela certa quando escreveste: Caro «Multiplus». «Bel Tenebroso» é «unus» e irrevogável... — Não te digo que a Judy é superior à Deanna, mas sim que gosto mais da primeira do que da segunda. Dizendo «que gosto mais», não quero dizer que deixe de gostar muitíssimo da segunda... A Judy a cantar «swing» bate a Deanna (sob êste aspecto, portanto, é superior). Em compensação, a Deanna canta ópera como a Judy nunca há-de cantar... E não te zangues comigo por causa da Garland e da Durbin, porque no fim de contas elas não sabem que nós existimos, e não vale a pena repetir os gestos do Magriço, porque faríamos uma triste figura, a cavalo, vestidos com a armadura de D. Quixote...

1327 — CORAÇÃO MALTRATADO, ETC. *(Pôrto)*. — Continuo a resumir o teu pseudónimo, pois o espaço é pouco, para tamanhas confissões... — Tomo nota de que o aparecimento da caricatura do Laginha, te fez meter a viola no saco...

1238 — ÁS DE COPAS *(Lisboa)*. — Aqui fica o teu S. O. S.! Êste leitor deseja, com a maior brevidade, trocar correspondência com uma leitora de Setúbal... — Era tal a tua pressa que fiquei com a impressão de que lhe querias encomendar um cabaz de laranjas ou uma dúzia de salmonetes.

1329 — DR. MABUSE *(Lisboa)*. — Ignoro onde pára Luise Rainer! Sei que não se encontra em Hollywood e que presentemente trabalha no Teatro. Há que aguardar, amigo!

Bel-Tenebroso

FEIRA DAS FITAS

(Conclusão da pág. 25)

do espectáculo cinematográfico. E por isso o filme apresenta-se com flagrante desarticulação, escasso de situações dramáticas vigorosas e pobre nos caracteres das personagens — o que bastou para que não brilhem como poderiam brilhar, quer o desempenho dos actores, quer o trabalho dos técnicos, uns e outros de primeira ordem. Há no entanto que exceptuar as cenas finais bem achadas e desenvolvidas: a reviravolta da manada, que de perseguida se transforma em perseguidora, o casamento da «primeira americana» em Tucson, e o duelo invisível que remata a acção.

Wesley Ruggles dirigiu o filme com a sua habitual competência. Sente-se o dedo do autor do famoso «Cimarron» na forma como tratou os exteriores do filme, quási sempre muito belos e excelentemente servidos pela câmara de Joseph Walker (julgo, no entanto, que a viragem a sépia prejudica a fotografia). São de notar tôdas as seqüências movimentadas e de grande figuração, como as do acampamento de Tucson, o ataque aos carros, a perseguição da manada, o casamento. As decorações são de Lionel Banks e o arranjo dos cenários do antigo realizador Frank Tuttle.

Jean Arthur não pôde luzir no papel da protagonista, por causa da deficiência com que foi escrito. Um pouco mais de imaginação e vivacidade da parte do autor — e Jean teria podido criar uma segunda «Miss Calamidade» (a do «Bufallo Bill»). Nas outras figuras aparecem William Holden, Warren William, Porter Hall e Paul Harvey. — D. M.

«O Major Trenck»

(Trenck der Pandur)

O argumento dêste filme não passa duma pequena anedota — muito pequena por sinal — à volta da qual se imaginaram uns leves incidentes para fazer brilhar Hans Albers, que é indiscutìvelemnte a grande atracção do filme.

O facto do argumento não estar suficientemente trabalhado e desenvolvido para conseguir entreter o espectador durante o tempo da projecção, não quer dizer que «Major Trenck» não possua condições para agradar ao público. Tem-as e muitas.

Ficámos agradàvelmente surpreendidos quando verificámos que àparte um ou outro senão, «O Major Trenck» é uma prova ão evidente das grandes possibilidades e do sentido espectacular que os técnicos alemães demonstram possuir para êste género que não hesitamos em considerá-los muito capazes de nos darem um «Robin Hood» ou coisa ainda melhor.

O movimento das figuras, a deslocação da máquina e o diálogo ainda são um pouco lentos, mas o realizador Herbert Selpin pode considerar-se satisfeito com o seu trabalho.

Hans Albers, numa tríplice interpretação de Trenck, Pai Trenck e Trenck de Pandur, é notável.

Eis um actor que não previamos num papel dêstes — referimo-nos ao Major Trenck, a sua principal interpretação.

Um bravo a Käthe Dorsch pela sua Imperatriz Maria Luiza.

Dêste programa faz parte um jornal de actualidades da Ufa, distribuído pela Lisboa Filme onde há imagens esmagadoras da campanha da Rússia. Excelente jornal. — J. M.

Cinema de Amadores

Uma sessão no C. P. C. A.

Na sède do Clube Português de Cinema de Amadores, Largo do Chiado, 12-2.º, realizou-se na passada 5.ª feira uma sessão de filmes de formato reduzido destinada aos seus sócios e família.

O programa que era constituído por filmes suiços, húngaros e alemães interessou a assistência que não se cançou de elogiar os trabalhos dos amadores.

Um filme de enrêdo

A convite do sr. Armando Martins assistimos à projecção dum filme de enrêdo que êste senhor produziu e que foi realizado pelo actor Patrício Alvarez e fotografado por Grancha.

«As Duas Gémeas» tal é o título do filme que se baseia no fado do mesmo nome cantado por Maria Alice, tem quatrocentos e tal metros e foi impressionado sôbre película Agfa.

No próximo número daremos notícia mais desenvolvida acêrca dêstes filmes.

M.

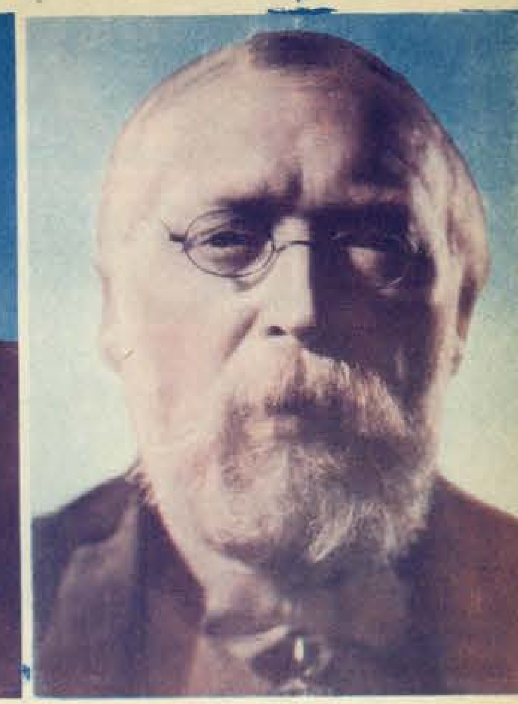


EMIL JANNINGS

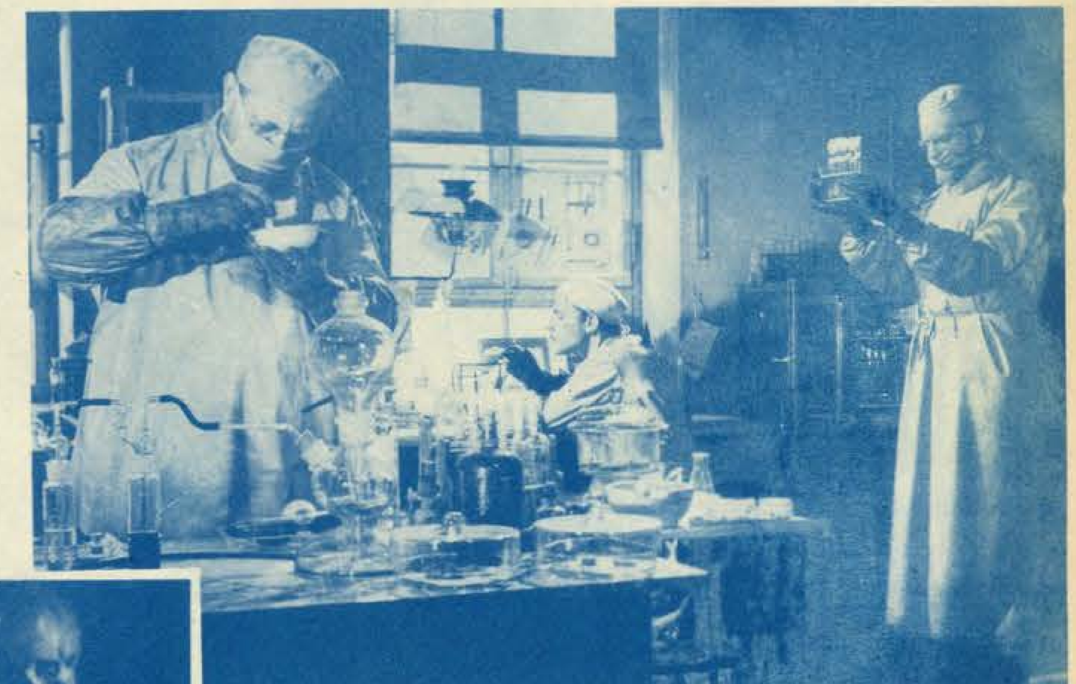
O grande actor alemão, tão conhecido e apreciado em todo o Mundo e tão popular em Portugal, vai aparecer de novo, brevemente, nas telas brancas dos cinemas nacionais. Circunstâncias várias têm afastado Emil Jannings do público português, pois nos últimos anos só se exibiram entre nós dois dos seus filmes: «Os Dois Reis» e «O Dominador». Mas o público português traz ainda bem viva na memória a lembrança das grandes criações do admirável artista germânico desde «Variedades» ao «Anjo Azul», desde «O Último dos Homens» ao «Patriota», desde o «Fausto» ao «Tartufo», desde «De quem é a culpa?» ao «Pecado dos Pais». Ainda há pouco tempo, a-propósito da exibição de uma versão recente de «A Tortura da Carne», tôda a gente evocava a interpretação esmagadora de Jannings no primeiro filme dêsse título — a-pesar-de já terem rodado mais de dez anos sôbre a sua apresentação! Jannings vai regressar a Portugal numa das suas maiores criações: a do grande sábio Robert Koch.

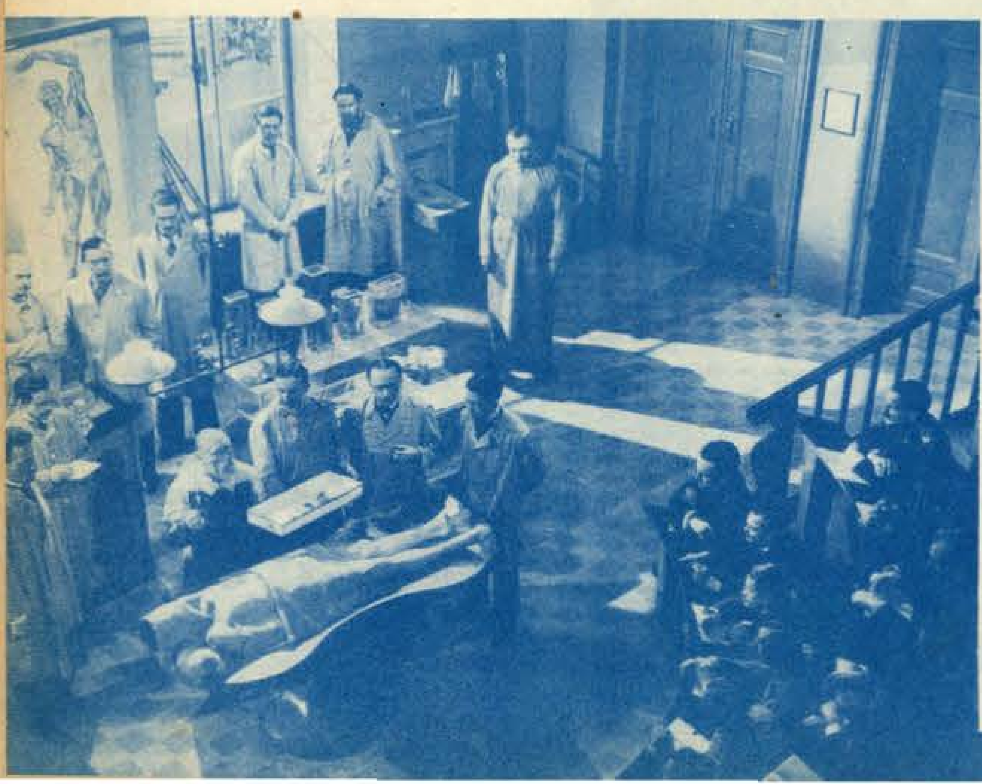




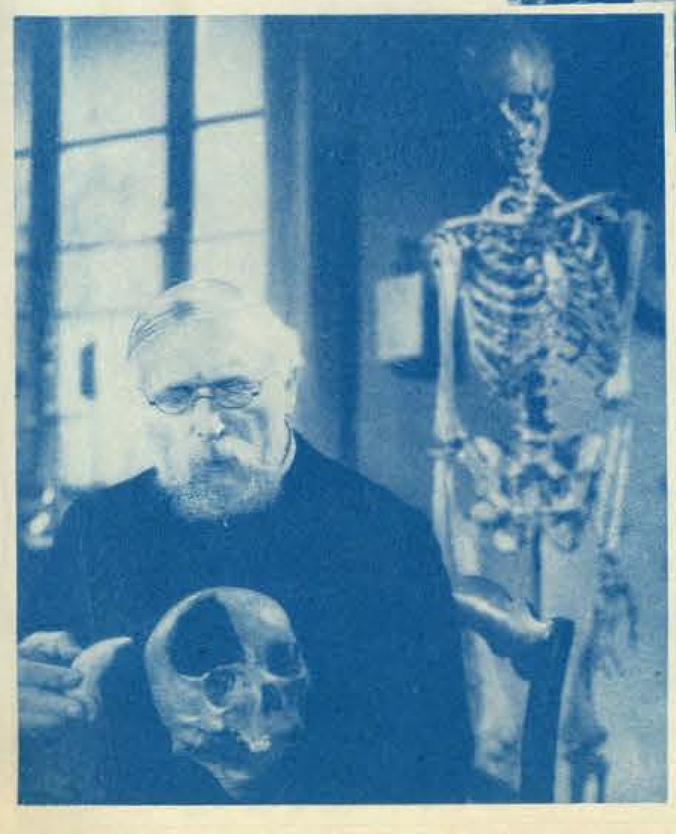


ROBERT KOCH









O notável filme da Tobis de Berlim que a Portugal Filmes apresentará brevemente em Lisboa, constitue uma alta homenagem ao famoso cientista que descobriu o bacilo da tuberculose e que, por isso mesmo, passou a alinhar entre os grandes bemfeitores da Humanidade. Médico notável, Robert Koch dedicou-se especialmente a estudos de microbiologia, «numa época em que o laboratório estava ainda bem longe de desempenhar o papel de tão grande preponderância e de tão decisiva importância dos nossos dias». Os seus persistentes esforços foram premiados com a descoberta magnífica do bacilo que passou a ser identificado em todo o Mundo com o nome do Mestre de Hanover.

O filme evoca a sua extraordinária figura de cientista, com o máximo relêvo e total fidelidade, colocando-a na moldura da sua época (Koch viveu de 1843 a 1910), que é reconstituída com invulgar felicidade. Ao seu lado aparecem os contemporâneos de destaque com quem privou, na arte, na política, na ciência, em especial o fisiologista e patologista Rudolph Virkow, homem de ciência muito considerado que desempenhou também importante papel na política do seu tempo. Essa figura é encarnada no filme por outro actor notabilíssimo: Werner Krauss, artista que os cinéfilos portugueses não esqueceram de-certo, desde que o viram em «Rua sem Sol», no «Gabinete do Dr. Caligari», no «Ciúmes», e em tantos outros filmes célebres. Os restantes papéis foram distribuídos a alguns dos melhores actores alemães, como Hilde Körber, Viktoria von Ballasko, Raimundo Schelder, Theodor Loos, e outros.

A realização do filme está inteiramente à altura do seu tema. A biografia de Robert Koch foi tratada com esmero, propriedade e brilhantismo excepcionais, pois o cinema alemão quís produzir o seu máximo, quís que o filme fôsse digno da personalidade eminente de Robert Koch. E conseguiu-o, como demonstra a sua vitória na Exposição de Veneza.

UMA PRODUÇÃO DA TOBIS, DE BERLIM
DISTRIBUÍDA PELA PORTUGAL FILMES

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



O EDEN estreia brevemente «A TRÊS NOITES DE EVA», da Paramount, em que BARBARA STANWICK e HENRY FONDA têm magníficas criações.